

## Introdução

Veredas de uma Vida foi o meu primeiro livro. Quando imaginei escrevê-lo o fiz debruçando-me na informal capacidade que tenho de projetar-me sobre acontecimentos e situações vividos por mim. Aproveitei a benevolência de minhas memórias para fazer uma viagem através do sentimento. Ao redescobrir caminhos, obedecendo a um olhar novo de ver-me no tempo, percebi que poderia adicioná-lo à minha página na internet, disponibilizando-o desta vez para que todos possam lê-lo em on-line.

Quis explorar alguns ângulos de observação e análise do conjunto de minha vida, abrindo campo à descoberta e ao imprevisto, impondo mais clareza sobre o que parecia oculto a uma visão mais imediata ou comum. Tentei com isso dar mais veracidade às várias passagens aqui descritas, que constituem fatos importantes da minha vida. Com um enfoque inteiramente voltado à autenticidade, realcei alguns aspectos de minha personalidade, cujo tempo havia mostrado esquecidos, clareando-os de modo a torná-los mais consistentes e útil ao entendimento do leitor.

Aqui o leitor poderá encontrar formas não convencionais, de uma realidade vivida por mim, em tempos alternados, para chegar facilmente aos olhos daquele que costuma ler com o coração. São velhas experiências que adquirem significativa dosagem emocional, certamente pouco comum ao cotidiano das pessoas. Não é meu desejo levar uma mensagem meramente descritiva. Melhor será inserir no imaginário coletivo a formatação de suas associações de idéias, onde todos possam projetar-se.

Para isso evoco fatos permeados de emoção e puro lirismo. Haverá espaço para narrar casos que podem lembrar muito bem uma oração ou mesmo um desencanto ou uma alegria em forma de poesia. Para mim, o sentido mais plausível da existência está nos pequenos momentos, nas menores alegrias, no prazer de desfrutar a felicidade na mais completa afirmação da rotina diária. Algo que nos remeta à mais profunda alegria de ser.

Luiz Aurélio Peregrino Maia  
Recife, 11 de julho de 2003

## Uma viagem pelos sentimentos

Por Paulo Caldas

Nesses últimos vinte anos, na lida de escrever e editar, poucas vezes tivemos em mãos um texto tão marcado pelo emocional quanto este "Veredas de uma Vida".

Desde agosto de 1947, quando Luiz Maia (Luizinho) inicia o traçado de sua rota, até os dias de hoje, a emoção esteve presente como uma bússola a guiá-lo a cada curva do tortuoso caminho, como é fácil interpretar nesta sua narrativa.

Em alguns momentos da viagem estivemos juntos. Lá pelos idos dos inesquecíveis anos 60, quando tudo era divino e maravilhoso para nós, que nos embalas das velhas tardes de domingo amávamos os Beatles e os Rolling Stones.

Dos anos 70 em diante, seguimos caminhos diversos. Em sua rota, tal o perfil de uma senóide, Luizinho teve grandes momentos e vivenciou situações que lhe trouxeram marcas profundas.

Hoje, no árduo ofício de escrever, o inesperado nos juntou no mesmo barco. Tanto quanto antes, somos tão sonhadores quanto o minúsculo colibri, que julga apagar o incêndio da floresta levando água no bico. Quem escreve, ao modo do colibri, pensa em salvar o mundo fazendo a sua parte: coisa de sonhadores.

A partir deste "Veredas de uma Vida", podemos, quem sabe, ver nascer um novo talento para o universo literário pernambucano. Muitos dos ingredientes ele já possui: paixão, emoção e uma outra virtude indispensável: a perseverança.

o0o

## Contracapa

Por Evaldo Donato

Através deste livro Luiz Maia, Luizinho, nos oferece uma pujante narrativa. Uma verdadeira radiografia de corpo inteiro, onde o Autor se desnuda e revela, sem guardar segredos, a sua trajetória de vida.

Vindo de antecedentes com raízes fincadas na região de Vila do Conde, essas suas revelações de vida vivida, por coincidência ou não, emocionam tal e qual o Fado, a bela e dolente canção portuguesa.

Por ser um trabalho de forte conteúdo emocional, o leitor certamente se emocionará com cada página que ler, todas densamente impregnadas de puro lirismo, objetividade, reminiscências, decepções, força de vontade.

Sente-se que no enorme coração de Luizinho não existe espaço para mágoas ou rancores. Este perfil faz com que a minha admiração por ele aumente com o passar dos anos. Pelos laços de uma amizade que já perdura há quatro décadas, pelo que já viveu, pelo que fez, faz e fará, confesso, orgulhosamente, que Luizinho é o "Meu Tipo Inesquecível".

oOo

1

Recife - 20 de agosto de 1947 - espoucara a champanhe no ar. Eu havia nascido. O parto foi o mais difícil e sofrido que a minha mãe tivera. Eu estava virado e nasci ao contrário dos partos normais, ou seja, de bunda para o mundo. Este seria o meu primeiro nascimento já que outros "aconteceriam" ao longo de minha vida. Nós nascemos mais de uma vez. Umas, acidentalmente, mas outra, em especial, por extrema necessidade. Sou o mais velho dos irmãos, de um total de sete filhos que o meu pai e minha mãe tiveram. Nossa família era remediada: meu pai, um imigrante português, foi sempre um pequeno empresário do ramo de ferragens, mas muito zeloso para conosco, levando uma vida inteira dedicada à família. Minha mãe sempre foi muito presente e atuante, vindo a ser o ponto de equilíbrio da família: além de dar tempo integral, cuidando de todos e da casa, ainda reunia forças para ajudar nosso pai no armazém.

No começo de minha infância fui tomado por um vírus, início de meningite, mas sendo curado a tempo. Devido a esse problema, fui obrigado a conviver com os remédios por um longo período. O gosto de Calcigenol e Poliplex ainda hoje está bem vivo em minha mente. Alimentava-me mal e assim mesmo à custa de muito sacrifício. Esse momento eu vivia em meio à natureza e rodeado de brinquedos, tudo permeado por muito amor e carinho de meus pais. Nossa família era bastante unida, sendo esta uma característica marcante.

Minha casa sempre teve muitos animais, cachorros e passarinhos, já que o meu pai os adorava, mesmo encontrando em minha mãe uma forte resistência, já que, quando um cão nos mordida, o trabalho de nos levar a um posto médico era dela, para tomar umas vinte injeções na barriga. Antigamente era assim..

oOo

Começo dos anos sessenta e eu vivia a minha adolescência. Muito livre e solto, detestava regras e disciplina. Fui um aluno difícil e cheguei a freqüentar vários estabelecimentos de ensino, sendo o Ginásio Pernambucano o mais famoso deles. Mas minhas péssimas notas eram um indicador de que não iria muito longe. Fui um adolescente inconseqüente, irreverente e contestador. Tal postura causou muito mal-estar e tristeza a meus pais, só tendo a perder sendo assim.

O tempo passava rápido e eu era só brincadeiras, bebidas, cigarros, passeios, namoros e muita irresponsabilidade. Não sinto a menor saudade desse tempo. Só contabilizei perdas e aborrecimentos nesse período que se foi. Não soube aproveitar as oportunidades que me apareciam, tanto em nível profissional como escolar, passando pelo terreno amoroso já que não conseguia me amarrar em namorada nenhuma. Deveria ter levado a sério coisas que envolviam o sentimento. Por essas e outras que hoje entendo que a alma não envelhece: ela não acompanha os efeitos cronológicos ao nosso corpo. Minha alma vive radiante, toda poesia, mas preciso tomar cuidado para não parecer ridículo, até mesmo a um simples elogio a uma bela mulher. Sim, porque belas são as mulheres, por mais predileção que eu venha a ter a uma em especial.

Minha primeira namorada surgiu quando eu estava com apenas dezoito anos. Ela, com apenas treze, era uma criança. Ao seu lado eu ficava todo ancho, como se fosse o dono do mundo. Meu ciúme era tremendo, embora fizesse o maior esforço para parecer tranqüilo. Esse ciúme carregou comigo até os dias de hoje, pois sou perfeccionista e os meus objetos os guardo com muito carinho e cuidado, imaginem quando se trata de pessoas! Assume uma maior dimensão. Esse ciúme já me prejudicou bastante nas minhas relações amorosas. Precisava administrar melhor esse sentimento para não machucar ninguém, nem a mim. Tudo era uma questão de tempo. Ah!... O tempo...

o0o

A década de sessenta foi marcada pelos movimentos culturais no mundo, a começar pelos Híppies que contestavam o sistema e os costumes, tendo como lema o "Faça amor não faça a guerra". Eu gostava da filosofia deles embora não me atrevesse a segui-los. Elvis Presley continuava reinando. Eu era um de seus fãs e não perdia os filmes dele, sem falar nos vários LPs que colecionei por um bom tempo. Mas os Beatles foram chegando para se tornarem o maior fenômeno musical do século. Dancei muito embalado pelo maravilhoso som de suas músicas. No Brasil, simultaneamente com outros movimentos, surgiu a Jovem Guarda sob o comando de Roberto Carlos. Junto com ele uma dezena de cantores e cantoras que, além de cantar e dançar, lançavam modas mexendo com os costumes de então.

Não perdia um só programa que, no Recife, era exibido o vídeo-tape aos sábados à noite, através da TV Tupi. Claro que eu não podia perdê-lo. Logo após o seu término lá ia eu ao encontro da namorada que, como todas as moças da época, assistia ao programa com suas músicas rimando amor com dor, com as eternas juras de amor. Mais adiante, com muita força, surgiam os mais importantes e famosos festivais da música popular brasileira (MPB).

Foi aí que despontaram nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Taiguara, Elis Regina, Maria Bethânia, Gal Costa, Novos Baianos, etc. Eu vivia todos esses fatos sem me dar conta que o país atravessava um regime de exceção, estando debaixo de uma feroz ditadura. Os artistas eram perseguidos e muitas letras de músicas eram censuradas. Algumas conseguiam ser executadas, sendo proibidas lá adiante. Eu era um alienado e não sabia absolutamente nada do que ocorria no país.

No dia 20 de julho de 1969 acontecia um fato histórico que galvanizou o mundo para si: o homem conseguiu pisar em solo lunar. No exato momento eu me aproveitava do silêncio da cidade, com as pessoas grudadas à frente das TVs, para poder retirar as calcinhas de minha namorada, com sua cumplicidade, e assim poder namorar à vontade. Foi uma noite maravilhosa que ficou marcada para sempre em minha mente. Era o homem pisando na Lua e nós dois firmes em Terra.

O Clube Náutico Capibaribe era o meu clube preferido. Toda minha família era alvirrubra, seguindo a orientação de meu pai. Freqüentei o Náutico por mais de dez anos seguidos, tempo suficiente para alcançar o clube em seu grande apogeu, pois de 1963 a 1968 o Clube Náutico conseguiu o honroso título de hexa-campeão de futebol pernambucano. O time de futebol que conseguiu essa façanha, segundo a ótica de Pelé, estava dentre os três melhores do mundo, que ele vira jogar. Os dois outros eram o Palmeiras, de Ademir da Guia, conhecido à época como a "academia de futebol", sendo o terceiro o próprio Santos, de Pelé e Cia, claro!

Freqüentei por vários anos sua sede social e cheguei a presenciar a inauguração de seu parque aquático. Em sua sede jogávamos sinuca, basquete, futebol e o que aparecesse mais. Brinquei anos seguidos os seus famosos carnavais, os mais disputados pela alegria e animação que os caracterizavam. O Náutico foi muito presente em minha adoslescência, cuja importância não posso negar em minha vida, a ponto de merecer esse registro. Quem nunca ouviu falar, alguma vez na vida, daquele legendário time de futebol com seus destaques, Lula, Gena, Mauro, Salomão, Fraga, Clóvis, Nado, Bitá, Nino, Ivan, Lala?

O Clube Náutico Capibaribe tinha um traço em seu perfil muito negativo que o acompanhou até o ano de 1960, quando não admitia em seus quadros atletas de cor, muito menos sócios. Para se ter uma idéia, o primeiro treinador de futebol negro, admitido na história do clube, foi Gentil Cardoso, mesmo assim a contragosto de muitos. Esta página demorou muitos anos para ser virada. Era o clube da elite pernambucana, onde os aristocráticos predominavam, onde seus pontos de vista eram sempre acatados por uma casta insensível de dirigentes racistas e preconceituosos. Hoje a realidade é bem diferente, com o clube atravessando dias nebulosos, parecendo viver apenas de recordações.

Dia 2 de janeiro de 1970. 2h30. Lá estava eu dentro de um ônibus rumo a São Paulo. Estava dando os primeiros passos para quebrar as amarras que me prediam à família. Buscava novos horizontes, uma melhoria de vida mesmo à custa de muita saudade da família e da namorada, que ficavam para trás. Minha ousadia em alçar esse vôo deveu-se a uma excelente proposta de trabalho de um amigo meu, Antonio Arruda, onde eu passaria a perceber como salário quatro vezes mais do que aquilo que eu ganhara até então.

Contava apenas 22 anos e fui à luta. Em minha cabeça conservo ainda bem gravado o beijo e o abraço silenciosos que eu dera em meu pai e na minha mãe. Todos estávamos com os olhos cheios d'água. Logo caíra a noite e o ônibus seguia célere sua viagem, em meio ao silêncio dos passageiros. Naquela noite, quanta coisa se passara pela minha cabeça... Essa seria a primeira vez em que eu saía de casa, ainda muito novo e inexperiente. A saudade da namorada era grande, e sua ausência aumentava a saudade que batia forte em mim. Eu começara a sentir falta dos beijos, dos abraços e do carinho dela. Ah! Por que essa vida é tão complexa, meu Deus?

A viagem decorria normalmente quando aconteceu o primeiro susto: chegávamos a Penedo e ali tínhamos de embarcar numa balsa para atravessar o rio São Francisco. De um lado ficaria Alagoas no outro alcançaríamos Sergipe. O perigo consistia em ver uma balsa cheia de veículos em cima, atravessando uma largura considerável de rio, e ainda por cima numa escuridão de fazer medo a todos nós. Felizmente tudo passou e o susto ficara para trás.

Logo adiante o ônibus parou para enfrentarmos a nossa primeira refeição. Lá estavam Antonio, eu e demais passageiros degustando um belo frango assado. Acontece que o bendito galetto tinha mais gordura que macacão de mecânico, e no meio da estrada paramos todos por causa de uma tremenda disenteria. Só então descobrimos que o ônibus não tinha toailete... Que horror foi saber disso! Paramos todos para evacuar no mato, na noite escura e fria numa dessas BRs da vida. As horas corriam rapidamente e a vontade de chegar à cidade grande aumentava na mesma proporção. Eu era todo ansiedade diante das incertezas que me esperavam por lá.

Cinco de janeiro de 1970. Enfim, chegávamos à Estação Rodoviária de São Paulo. Antonio e eu fomos direto à casa de seu tio Jair, que ficava no bairro de Jaçanã, distante demais do centro da cidade. Foi então que passei a perceber que lá tudo é distante, tudo é grandioso, tudo é muito difícil se compararmos ao Recife. Mas foi aí que descobri o meu espírito aventureiro. Sempre me identifiquei com os desafios e São Paulo me proporcionaria uma excelente oportunidade para tal. Fiquei por um mês na casa de Jair, saindo de lá para uma vaga na Alameda Dino Bueno. Fui morar numa rua com alguns casarões antigos, mal-cuidados e conhecidos como "repúblicas" ou "cortiços".

Mas o local ficava próximo ao meu trabalho, na Rua Corrêa de Melo, bairro do Bom Retiro. Lá trabalhei durante um ano e meio, e gostava da vida que levava. Só tenho boas recordações daquele tempo: gostava do bairro, do trabalho, da cidade, dos companheiros e amigos de trabalho. Enfim, passei a gostar até da correria desenfreada. Mas de uma coisa não conseguia deixar de me queixar: a falta de uma namorada. Eu sentia falta de uma mulher ao meu lado... Como é importante a figura da mulher ao lado do homem. Isso seria tema de inúmeras conversas minhas com os amigos que começávamos a fazer.

Não havia o afrouxamento moral dos dias atuais, certamente por vivenciarmos uma época de muita repressão político-social. As moças "mais avançadas" eram rotuladas de "garotas de programas". Mais adiante, usando-se de eufemismos, dizia-se que fulana está curtindo uma "amizade colorida". Isso seria só um atenuante para evitar possíveis constrangimentos, no que hoje se costuma dizer "ficar". Eu sempre fui um romântico e sonhador que via na pessoa da mulher algo fascinante, um ideal quase que inatingível. Deus primeiramente criou o homem, e vendo que ficava muito a desejar resolveu caprichar ao criar a mulher. Sou um amante do belo e entendo que não há nada mais perfeito na natureza que a mulher. Ela é o equilíbrio de tudo.

São Paulo, 2 de maio de 1970. Resolvi ir conhecer o Rio de Janeiro. À meia-noite lá estava eu dentro do ônibus com destino à "Cidade Maravilhosa". Estava realizando um sonho que era poder conhecer o Rio e os encantos daquela cidade tão beneficiada que foi pela generosidade da natureza. Eu viajei em companhia do amigo Antonio e às 6h00 estávamos desembarcando na Rodoviária Novo Rio. Fomos direto para o apartamento de minha prima Selma, que nos recebeu com muito carinho. Estávamos em plena Copacabana quando resolvemos alugar um táxi para visitarmos todos os pontos turísticos que fosse possível.

Lembro-me que fomos ao Cristo Redentor, Alto da Boa Vista, Pão de Açúcar, Castelinho, e à tarde demos uma passadinha no Maracanã, onde jogavam Vasco da Gama e Olaria. Tudo era muito lindo e penso não existir lugar mais belo no mundo que o Rio de Janeiro. O motorista do táxi era um sujeito divertido e dizia ser um carioca da gema, afirmando que dificilmente moraria em São Paulo. Travamos uma amizade enquanto estava à nossa disposição. E, quando nos despedimos, trocamos um forte abraço e recebemos dele o seu endereço como forma de agradecimento por tê-lo escolhido para passearmos durante todo sábado.

A noite chegou rápido demais. Logo sentamos à mesa para jantar ao lado de Selma e seu marido. Conversamos um bom tempo, mas minha cabeça girava em torno da maravilha de dia que acabara de usufruir. Os assuntos daquela conversa não conseguiam prender minha atenção. Logo após nos abraçamos e cumprimentamos o casal, e assim nos despedimos seguindo o caminho de volta a São Paulo. Aceitei o convite da prima Selma para que fosse mais vezes à sua casa. Não demorou muito e eu já estava novamente usufruindo as belezas daquela cidade, passeando nas praias de Ipanema, Copacabana e Barra da Tijuca. A única coisa que achei desagradável foi a temperatura das águas do mar, onde o frio difere das águas mornas das praias do Nordeste, das praias do Recife.

Junho de 1970. Duas coisas inesquecíveis aconteciam comigo. Primeiro eu estava me mudando para um apartamento, juntamente com os amigos Antonio, José Carlos e João Turugo. Compramos alguns móveis: camas, um sofá, uma vitrola, TV e um fogão. Contratamos os serviços de uma empregada para fazer as tarefas diárias, coisa nada fácil já naquela época. Dividíamos todas as despesas pelos quatro: aluguel, empregada, supermercado e algumas prestações em comum. Zé Carlos e João residiam no município de Capivari, interior próximo de Campinas. Trabalhávamos todos no mesmo escritório, isso facilitava muito nossas vidas. Íamos para o trabalho a pé, já que o apartamento ficava no mesmo bairro do Bom Retiro, um reduto dos Judeus. Começaria uma vida nova para mim, com reais perspectivas pela frente.

Não demorou muito e o país mergulhou na desenfreada torcida para a seleção de futebol tornar-se tricampeã no México. Sendo um amante do futebol, dificilmente perdia os jogos do Corinthians. Ao lado de João, íamos a todos os jogos, fosse noite ou fosse dia, por isso chego a entender os jovens de hoje que fazem de tudo para ver seus clubes jogarem, de preferência ganhando os jogos e vibrando a cada emoção. Eu fui assim um dia.

Mal a Copa do Mundo dera início e o Brasil já triturava um a um seus adversários. Nós assistíamos aos jogos juntos, no local de trabalho. Henriquinho levava seu televisor portátil, e após o término de cada jogo saíamos para comemorar na cantina mais próxima. Lugar para se comer e beber é o que não falta em São Paulo. Durante um mês respiramos apenas futebol. Enfim, chegou a finalíssima! Em campo estavam Brasil e Itália. Antonio, eu e Jaime fomos assistir ao jogo na casa de Víctor, aproveitando a ausência de seus pais que haviam ido ao interior. À medida em que o jogo ia transcorrendo, nós outros bebíamos tudo que tinha pela frente. Lá pela metade da partida estávamos os quatro completamente bêbados, abraçados para comemorar o título de tricampeão mundial de futebol. Acontece que estamos bêbados demais, e assim mesmo resolvemos fazer a besteira de sair de carro para comemorar na Av. Paulista. O carro era um fusquinha de Jaime, e até hoje não sei como posso estar aqui contando essa história, pois o que cometemos de imprudência, de irresponsabilidade e insanidade juntas ninguém pode imaginar jamais. Por pouco não morremos naquele dia. Quanta bobagem em vão!

Os dias passavam rapidamente e eu executava minha rotina com extremo bom gosto. À medida em que os dias passavam eu aprendia a gostar da capital paulista. Sua grandeza e sua dinâmica me fascinavam a ponto de passar horas a fio caminhando por entre largas avenidas, a apreciar suas lojas com seus letreiros luminosos, num verdadeiro convite ao consumo. Seus cinemas, teatros, restaurantes e casas de shows me deixavam admirado.

Nessa cidade cosmopolita, sua cozinha ganhou fama além-mar por ser lá onde melhor se come no mundo, segundo os melhores *gourmets* do país. Não foi à toa que engordei cerca de vinte quilos em apenas dezoito meses morando lá. Quando eu ia trabalhar gostava de vestir uma calça jeans, camisa de lã com mangas compridas e minha inseparável japona de camurça de cor marrom. Metia as mãos nos bolsos e lá estava eu preparado para enfrentar aqueles dias de inverno. O frio paulistano me era cruel. Aquela umidade e o vento soprando forte nos davam a certeza de muita dor nos ossos, e a falsa impressão que a temperatura era bem mais baixa que a registrada.

Naquele tempo eu tinha o péssimo vício de fumar. E, para aqueles que fumam, nada melhor que tomar um cafezinho ou mesmo um chocolate super quente, na vã tentativa de afastar aquela sensação de frio para longe. Em que pese os vários contrastes dessa cidade, garanto que sinto saudade daquele tempo. Às vezes me pego pensando por que não fiquei lá em definitivo, já que estava ambientado, em plena ascensão com um futuro promissor. O certo é que o destino vem e diz (às vezes) não.

Lembro-me de um dia em que sai pela cidade, com rumo e destino incertos. Após andar toda José Paulino, logo alcancei a Ipiranga. Adiante dobrei a São João e deparei-me com um cinema que estava exibindo o filme "Perdidos na Noite". Nada mais pertinente. Não tive dúvida em comprar o ingresso. O enredo era muito parecido com a minha própria história, com aquele meu momento de deslumbrado numa cidade grande. O filme narrava a estória de um jovem vaqueiro americano que fora tentar a sorte numa megalópole, tendo no percurso enfrentado inúmeros obstáculos. Um belo filme!

Sheila e Clarete... Ambas estudavam no Colégio Israelita e moravam no Bom Retiro. Eram judias e seus pais industriais do ramo têxtil. Antonio começou a namorar com Sheila. Ela era muito amiga de Clarete, uma moça bonita que sempre estava ao seu lado. Fiquei muito amigo delas e logo passamos a sair os quatro juntos: Antonio, Sheila, Clarete e eu marcávamos sempre presença nos restaurantes distantes da cidade. Parecia que a minha vida ia mudar, embora me contentasse em ser (apenas) amigo de Clarete.

Juntos, chegamos a conhecer várias cidades do interior paulista: São Vicente, Santos, Santo André, Campinas, Capivari, Pindamonhagaba e São Roque. Mas o que eu mais gostava era de ir ao Parque do Ibirapuera. Lá renovava minhas energias e matava saudade do verde, esse bem tão escasso na capital paulista. Eram momentos agradáveis ao lado de Clarete, onde ficávamos horas até a noite chegar. Ah, quanta vontade eu sentia de falar de namoro à Clarete, só não o fazendo devido a uma estúpida timidez. Eu sentia que o seu sentimento para comigo dizia muito mais que uma simples amizade. Mesmo pensando assim, demorava a declarar meus sentimentos... Os dias se passavam na mesma "tranqüilidade" de sempre, e as coisas pareciam não se mexer de lugar. Eu não queria que fosse assim... Alguma coisa poderia acontecer a qualquer momento. Mas o quê? Qual a notícia que poria um fim naquele nosso remanso?

Pois bem, Sheila e Clarete, demonstrando muito nervosismo, diziam para Antonio que os pais de Sheila estavam desconfiados que ela estava namorando algum rapaz que não era judeu, e a partir dali as coisas seriam diferentes. As duas teriam de tomar todo cuidado possível para não serem vistas conosco de jeito nenhum. Lamentável era aquilo tudo que estava acontecendo conosco. Ficamos tristes e ao mesmo tempo indignados com tamanho absurdo. Esse descabido preconceito nós não tínhamos tomado conhecimento em nossas vidas. Como viver às escondidas o tempo todo, em nome de um besta preconceito que visava apenas destruir sentimentos dos mais puros? Os judeus são muito unidos e têm forte tradição de apego à cultura, seria quase impossível qualquer aproximação nossa sem que eles soubessem. Estávamos nos sentindo excluídos sem poder fazer nada. Mas viriam as férias...

Novembro de 1970 e já respirávamos as férias de fim de ano. Antonio resolveu investir na compra de um fusca do ano e passamos então a elaborar nossos planos para aquela que seria uma viagem inesquecível, porém muito arriscada. Acontece que não tínhamos nenhuma experiência em dirigir numa auto-estrada, principalmente em se tratando de um trecho de 5.200 quilômetros - São Paulo - Recife ida e volta! Colocamos em dia nosso trabalho no escritório e marcamos o dia da viagem. Duas tias de Antonio, ambas freiras, resolveram vir conosco.

Chegou o dia e metemos o pé na estrada. No caminho resolvemos só parar na estrada para nos alimentar, tamanha era a nossa ansiedade em logo chegar. Mais uma vez estávamos sendo imprudentes. No trajeto, por duas vezes saímos da estrada e uma terceira eu dormi ao volante, só acordando debaixo do som da buzina de uma jamanta. Após o imenso susto, recoloquei o carro no prumo correto, e ficamos comentando aquele incidente. Por questões de segundos não morremos todos esstraçalhados, à beira da estrada sem sequer saber onde estávamos. Mais uma vez Deus atuava a favor de nossas vidas, e eu nem me dava conta disso.

Enfim, chegamos ao Recife. Meu primeiro impulso foi de passar pela Av. Boa Viagem, e assim poder contemplar aquele mar de águas mornas, onde por diversas vezes mergulhei sem me dar conta que um dia sentiria uma imensa saudade dele. Ao chegar em casa, beijei e abracei o meu pai, que feliz se antecipara aos outros. Depois foi a vez de parar diante de minha mãe, e após ver o brilho de seus olhos beijei-a saudosamente. Adiante cumprimentei com um beijo um a um dos irmãos. Era plena madrugada no Recife que amo tanto. Ficamos a conversar até às 5h00 da matina. Em seguida ao café, pedi à mamãe para arrumar minha cama, já que estava cansado demais e precisava dormir à vontade. Sentia-me bem ao ver minha mãe com os mesmos cuidados comigo. Sua paciência e seu carinho eram os mesmos de antes comigo. Nossa família era modesta e bem unida, talvez por isso nossos pais faziam de tudo para nos agradar e nos preparar para enfrentarmos os obstáculos da vida moderna. E as praias?

Escolhemos a praia para irmos todos os dias. Fui ao encontro de minha ex-namorada para matar saudade, e a convidei para sairmos durante nossas férias, mas que ela teria de arrumar uma amiga para fazer companhia a Antonio. Estávamos vivendo num pequeno paraíso: pelas manhãs, íamos à praia de Boa Viagem e/ou Janga. À noite, por pura falta de opção, nos metíamos naquelas sombrias boates no bairro de Piedade, onde nenhuma atração era servida ao público, onde existiam apenas bebidas e tira-gosto de péssima qualidade. Assim se dava a nossa rotina: sem trabalho, sem garoa paulistana, muito namoro regado a bebidas, muita brincadeira e descontração, sem contar as falsas juras de amor que prosperam nesses encontros.

Nos encontramos também com velhos amigos de infância/adolescência, muitos deles amigos de copo que num futuro breve a vida se encarregaria de me afastar de (quase) todos. Aquele era um instante em que eu matava saudade de minha mãe, da família, da namorada e de muitos lugares e caminhos que costumava ir. Mas o Natal logo chegou e festejamos a data junto a nossos familiares. Depois saíamos em busca de festa, de movimento, de agito. A pessoa quando é nova busca qualquer motivo para saciar seus desejos, estando sempre pronta para descarregar sua adrenalina. Mas estávamos mesmo era apressados para ver gente que nos era cara e que nunca mais tínhamos visto.

O adolescente pensa que sabe de tudo, que está preparado para a vida e que o tempo não passa para ele. Eu era um desses... Mal rompera o ano novo, e lá estava eu rua abaixo em direção à casa de Antonio, em busca de meninas para namorar, já que o tempo passava rápido demais e as nossas férias iam chegando ao fim. Essa sensação de tempo costuma causar uma angústia em mim, como se estivesse prevendo o fim de algo, ou mesmo o prenúncio da própria morte. O jovem prefere não questionar, mesmo sem saber que o tempo urge. Detesto despedidas. Mas pelo visto eu teria de enfrentar essa realidade mais uma vez. As férias chegavam ao fim e as estradas estavam à nossa espera. A doce vida terminara e a saudade tomava conta de todo o meu ser.

Recife, 2 de janeiro de 1971. A hora de retornar a São Paulo estava chegando, e ao meio-dia minha mãe nos chamava para almoçar. Meu pai sentara à cabeceira da mesa, eu estava na outra, enquanto meus irmãos se dividiam ao redor formando uma imagem que não me sai da cabeça. Minha mãe servia o almoço com um olhar contemplativo, e o silêncio se fez presente naquela sala de jantar. Olhar no olhar distante dela doía meu coração... Comi rápido, tentando me livrar daquele momento embaraçoso, até que o silêncio foi quebrado pela buzina do carro de Antonio, avisando-nos que estava pronto para partir. Desta feita só voltaria conosco uma freira, já que a outra estava se mudando para Recife.

Depois de mais uma calorosa despedida, mergulhamos no carro e seguimos viagem no caminho de volta. Agora o silêncio se fazia sentir entre nós. Nada do que víamos pela estrada nos chamava atenção, mesmo já estando perto de atravessar o rio São Francisco. Minha cabeça só pensava naqueles momentos... O tempo, mais uma vez, chegava para balançar minha frágil estrutura. De repente caí na real e já buscava atingir novos sonhos. Foi então que resolvi romper com aquele silêncio, dando a idéia de passarmos por Salvador, pois não conhecíamos aquele lugar.

Antonio concordou e, como a freira nada tinha contra, resolvemos mudar de direção. Às cinco horas da manhã chegamos à praia do Farol. Rodamos mais um pouco pelo litoral, tentando alcançar a praia de Itapoã, mas sem conseguir êxito. Então resolvemos conhecer o falado Mercado Modelo. A princípio aquilo ali nos pareceu muito sujo, com lixo espalhado por todo lugar. Foi então que resolvemos seguir viagem para ganhar tempo.

A viagem transcorria perfeita, sequer um pneu havia estourado, e logo chegávamos à Barra Mansa, no Estado do Rio, local em que havia um convento religioso onde deixamos a freira amiga. Tratamos de encher o tanque com gasolina, e só nos restou vinte cruzeiros no bolso, dinheiro suficiente para enchermos o tanque mais adiante e chegar em São Paulo. Chegamos à noite. Depois de retirarmos a bagagem do carro, Antonio e eu disputávamos o privilégio de tomar um banho morno e descansar em paz. Eu, mais uma vez, esquecia de agradecer a Deus por nos ter levado e trazido, em paz e salvamento.

João Tarugo e Zé Carlos interromperam nosso saudável sono, avisando-nos que era hora de trabalhar e que a vida mansa terminara. Depois de um bom banho, e já tomado café, saí fumando um cigarrinho em direção ao escritório. Em lá chegando, debrucei-me sobre um monte de livros fiscais que aguardavam atualização. A rotina começava a todo vapor, abrindo uma porta para meus questionamentos sobre o que eu queria realmente da vida. Essa resposta, feliz ou infelizmente, eu nunca tive. Após esgotar os assuntos das férias com os amigos, eu voltava minha atenção para Sheila e Clarete. Antonio gostava demais dessa moça e andava meio chateado com os rumos das coisas.

Certa tarde, após um telefonema das meninas para Antonio, marcando hora e local para nos encontrarmos, comecei a pensar que algo de ruim acontecera. Essa situação constrangedora afetava em cheio nossos brios. À noite fomos nos encontrar... Clarete me parecia linda naquela noite, enquanto Sheila distribuía seu sorriso aberto e contagiante. Entramos no carro e começamos a conversar, enquanto seguíamos com destino ao Parque Ibirapuera. As notícias não eram nada animadoras, e começamos a ficar tristes. Sheila era muito nova para tomar uma atitude radical, já que seus pais não lhe davam trégua. Pensamos que essa situação teria de ser "empurrada com a barriga".

Aproveitei a situação para ficar conversando com Clarete, sorver aqueles doces instantes... Eu ficava bem juntinho dela, aspirando seu cheiro, mas nada de ter coragem para declinar meu sentimento por ela. Lembro-me que ela chegou a pegar em minha mão, pedindo-me para não me importar com o preconceito de seus pais, alertando-me para nunca falar com eles sobre família e religião. A situação chegou a esse ponto. Mas eu só queria admirar seu rosto, sua tez alvinha e seus olhos azuis claros. Eu tinha de escolher o momento certo para declarar-me. Eu necessitava... Era questão de precisão mesmo! Gostaria de reunir forças para falar do meu amor e me sentir bem! Sem coragem, chegava a ter raiva de mim. Estar ao seu lado, apenas, já não mais me satisfazia, nem me bastava. Ela sabia disso, eu também, mas seguíamos mudos, sem nada falar...

Sexta-feira era o dia de que eu mais gostava na semana. Ao final do expediente eu passava no Bar do Mário para comprar dois litros de batida de frutas, e levava-os para o apartamento. Zé Carlos e João viajavam para Capivari, enquanto Antonio e eu ficávamos bebendo e comendo à toa, ouvindo as músicas mais lindas que podemos imaginar, obedecendo a gostos variáveis. Bons momentos aqueles. Eu viajava nas asas dos sonhos, imaginando melhores dias para mim.

Em março chegava o carnaval. Resolvemos passar aqueles dias em Santos. Nossa intenção a princípio era descansar e passear um pouco, para conhecermos melhor a cidade. Em plena Av. Presidente Wilson, estavam Antonio, Victor, Adelson e eu, todos com caras de bobos a admirar as garotas desfilando com trajes de banho. Para quem não via uma mulher nua há alguns meses, aquilo não poderia cair melhor. As pessoas pareciam escolher Santos para passar o carnaval, tamanho era o número de veículos descendo a Serra. Os congestionamentos eram inevitáveis: num percurso em que levávamos 40 minutos para chegar, naquele dia nos custava cerca de 1 hora e meia, mais ou menos. Era o preço a pagar para quem se atrevesse a descer à Serra no carnaval.

Quando chegamos a Santos, nos alojamos numa hospedaria de segunda categoria, tipo "nenhuma estrela". Nosso dinheiro se resumia a alguns cruzeiros, suficientes para comprar cervejas e alguns frangos a passarinho. Nós andávamos bastante a pé, e eu me recusava a mergulhar naquele mar de águas frias e gélidas. Mas o cair da tarde chegava, e com ele veio um momento divino. Naquele instante eu via um espetáculo que jamais esquecerei: no calçadão daquela praia, centenas de moças encantadoras, todas surpreendentemente lindas, andavam de um lado para outro me deixando perplexo! Nunca vi tantas mulheres bonitas juntas, de uma só vez, em toda minha vida. Aquele espetáculo tornava o metro quadrado daquele lugar, se não o mais caro do mundo, mas certamente o mais belo de todos que se viu. Entre nós não poderia haver outro assunto para se comentar, a não ser essa fantástica aparição. Ficávamos tentando descobrir o porquê de tanta mulher bonita ao mesmo tempo, onde elas poderiam morar em São Paulo, etc e tal. Dei-me por vencido e resolvi não questionar mais nada, e escolhi por admirar todas elas com carinho, sem cansaços...

Esse ritual demorou mais de duas horas, e logo depois todas se dissiparam, como por encanto. À noite muitas foram curtir os bailes de carnaval, em diferentes clubes sociais, deixando as ruas desertas e o meu coração amarrado à frustração de não poder, sequer, tocar numa delas. Minha carência levava-me ao desejo infantil de beijar e abraçar, uma a uma, vontade que logo morreria reprimida. O melhor a fazer naquela hora

era mesmo dormir e esperar um novo dia chegar. Quem sabe assim não voltaria a usufruir aquele verdadeiro colírio para os olhos?

o0o

O mês de abril chegou, e com ele o meu pai para nos visitar. Qual seria a verdadeira intenção dele ao fazer uma viagem tão longa? Seria apenas a tentativa de vender uns selos de sua coleção como havia me dito, ou na esteira dessa viagem não estava a vontade de me persuadir a voltar para Recife? A bem da verdade fiquei surpreso e meio apreensivo com sua chegada, mas aguardaria para ver no que dava. Um problema surgiu, pois eu tinha de trabalhar e não poderia dar a atenção que ele merecia, só sobrando à noite para isso. Durante o primeiro dia ele achou por bem sair por ali por perto a observar o andamento da cidade. E, como tudo era estranho aos seus sentidos, entendeu de me perguntar: "como era que eu havia me acostumado àquela cidade, que fazia sol e chovia ao mesmo tempo, além das pessoas serem frias umas com as outras?"

Eu não sabia por onde começar, mas Antonio percebendo a real intenção de sua visita me chamou para uma saída rápida, pois Sheila e Clarete estavam embaixo à nossa espera. Antonio dizia da sua indignação com o procedimento de um pai "coruja", ao querer interferir no meu próprio destino. Clarete me perguntou se eu ia largar tudo para ir embora, com um olhar de quem não queria isso. Falei que era muito cedo para qualquer definição, mas que gostaria de ficar. Pedi calma a Antonio, já que ele dirigia em alta velocidade, dizendo que só Deus tem poder para nos guiar no caminho correto. Rodamos à toa pela cidade e retornamos ao apartamento. As meninas terminaram por conhecer meu pai. E, depois de ouvirem dele algumas referências jocosas sobre São Paulo, em tom de brincadeira, Sheila passou a rir com ele pelo seu sotaque de português/nordestino/brasileiro. As brincadeiras serviram para atenuar o clima nada agradável, em que os nossos nervos estavam aos frangalhos. Pela primeira vez senti que começara a perder Clarete, sem ao menos tê-la por um dia.

o0o

A mãe de Victor soube da presença de meu pai entre nós e nos convidou para almoçarmos todos em sua casa. Chegou o sábado. Acordei ansioso para tomar uns aperitivos, e junto com Antonio, papai e Victor rumamos em direção ao tão esperado almoço. A família Giannocaró nos recebeu muito bem, como era de se esperar. Meu pai, ao ser recepcionado com tanto carinho e satisfação, ficou radiante e começou a falar de suas lembranças de Portugal. O pai de Victor era um imigrante italiano e na mesma medida começara a desfolhar suas lembranças do tempo em que vivia na Itália, contando como fora sua vinda para o Brasil.

Lembro-me bem da alegria incontida de meu velho pai, distribuindo sorrisos a torto e a direito, manifestando sua alegria em poder conhecer uma família agradável, com histórias de vida semelhantes a sua, sendo ambos imigrantes europeus. O almoço fora servido e nós passamos a degustar aquele saboroso prato, que fora surpresa até chegar à mesa. Uma bacalhoadá portuguesa ao forno. Que delícia! Essa foi a conclusão a que chegamos, a ponto de meu pai dizer que não havia comido nada igual até o momento. Embora meu pai fosse um homem generoso, naquele instante estava traduzindo aquilo que também achávamos. Foi um dia maravilhoso que ficará marcado para sempre em nossas mentes.

Após nos despedirmos, voltamos para o apartamento trazendo conosco o senhor Giannocaró. Meu pai e o de Victor ficaram horas jogando cartas, só parando para tomar um cafezinho que eu mesmo fizera. Logo nos despedimos. O domingo chegara, com ele a expectativa do meu pai em poder vender alguns selos de correio, na Praça da República. Ao chegar à Praça, meu pai logo soltou uma nota: "até que enfim estou vendo verde nesta cidade!". De fato São Paulo carece de mais áreas verdes, pois as que tem deixam a desejar. O verde interfere positivamente na qualidade de vida de um povo. Mas um fato hilário estava por acontecer. Ao tentar negociar os selos ou moedas antigas, com um judeu naquele lugar, meu pai virou uma fera indignado com uma proposta ridícula de compra feita por aquele mercador. Aos berros, ele dizia assim: "está pensando o que, judeu usurário? Pensa que está lidando com um mendigo do Nordeste, seu filho da mãe?" Adelson e Antonio, rindo bastante, trataram de acalmá-lo a todo custo, só conseguindo depois de muita conversa. Essa passagem serviria para ele contar como inusitada experiência durante todos esses anos de sua vida. Na segunda-feira eu o levaria à rodoviária para que pudesse voltar ao Recife.

Meu pai viajou mas deixara algo no ar... Qual a posição que eu tomaria em face daqueles acontecimentos todos? Essa pergunta eu me fazia, pois esse era o assunto dominante do momento. Só sei que com o passar dos dias eu ficara meio dividido, embora não falasse para ninguém. O trabalho no escritório já não tinha o mesmo sabor. Nem via um jeito de me declarar para Clarete. Todas essas coisas acontecendo comigo, e eu sem conseguir falar para ninguém. A rotina parecia a mesma, mas eu já não estava feliz e alegre como antes.

Os encontros com as meninas continuavam, mas agora de maneira sigilosa e mais esporádicos. Eu não namorava Clarete mas a minha postura era a de um namorado. Ela, por sua vez, parecia retribuir o meu sentimento. Era uma relação problemática, mas eu me sentia muito bem ao seu lado. Eu tentava descobrir o tempo todo, qual seria sua reação ao ouvir minha declaração de amor. Os dias passavam rapidamente, sem que nenhuma definição ocorresse de ambas as partes.

Um belo dia, resolvi deixar o trabalho no escritório e procurar outro. O fato era que eu já não estava satisfeito com nada. Minha atitude surtiu o efeito de uma bomba, causando um certo constrangimento entre meus amigos e os sócios do escritório. Henriquinho chegou a me dar conselhos e depois colocou-se à minha inteira disposição para ajudar-me no que pudesse. Agradei. Depois fiquei de lhe comunicar uma eventual mudança, ou não. Andava meio confuso e ensimesmado com aquela situação. De repente, sem que eu soubesse de nada, chega meu irmão Tininho, junto com o amigo Alex. E agora, o que dizer disso?

o0o

Antonio e eu chegamos a firmar uma grande e sólida amizade, durante um ano e meio em que trabalhamos e residimos juntos. Não me lembro de ter tido com ele nenhuma divergência séria, uma única discussão. Mas, pelo andar da carruagem, parecia que aquela convivência amiga estava com seus dias contados. Com a visita do meu irmão Tininho, Recife começava a ficar mais perto. Primeiro foi o meu pai, enchendo-me a cabeça com inúmeras coisas, que logo após o seu retorno passaram a ser dúvida; agora a visita do irmão, aguçando minha curiosidade por dias diferentes...

Mas o seu real objetivo seria o de conhecer São Paulo, e seu apregoado frio, além de matar saudade. O mês de julho chegara e um friozinho chato se fazia sentir. Certa tarde fomos obrigados a descer do nosso apartamento, em busca do calor do sol que aparecia na calçada ao lado, na tentativa de minimizar a sensação desagradável que o frio nos causa. Eu, nem ali, conseguia retirar as mãos do bolso da minha inseparável japona, tentando me proteger. Logo me veio à mente a idéia de subirmos todos, lá tomaríamos batidas de fruta para comemorar aquele encontro.

Vivia meio perdido, levando uma vida sem o menor sentido. Não tinha um objetivo muito menos podia traçar planos. Zombava daqueles que professavam uma religião, tinha dúvidas enormes da existência de Deus e preferia ignorar essa possibilidade. O vazio no peito aumentava à medida que eu levava uma vida sem razão e sabia que algo muito forte estaria por acontecer comigo. Só não intuía quando nem o quê. Mais novidades aconteceriam. Numa manhã, bem cedinho, ouvimos vozes de pessoas subindo as escadas do apartamento, numa tremenda algazarra, tendo uma delas imitado o grito de Tarzan. Bira e Didi estavam chegando do Recife, dizendo alto que vieram fazer compras, e que após dois dias estariam retornando ao Recife. Quem quisesse voltar com eles, estavam às ordens. Eu começava a pensar seriamente nessa possibilidade, e já sentia que retornar seria a decisão mais correta. E agora?

Fiquei meio abalado, confesso, e já respirava o cheirinho de maresia da Praia de Boa Viagem, tamanho era o comentário acerca do Recife. Antonio assistia a tudo calado, meio sem graça, esboçando um sorriso maroto, demonstrando todo seu desapontamento com minha iminente ida para o Recife. Indiferente a tudo isso, a vida continuava para todos, mas eu teria de posicionar-me num curto espaço de tempo. No dia seguinte já havia me decidido que partiria com eles, e com o meu irmão, de volta ao Recife. Só me restava agora me preparar para a crua realidade da despedida. Eu me cansei de tantas despedidas... Detesto ter de me despedir. Parece que deixamos uma parte nossa em cada lugar; é como morrer um pouco, e como dói...

A gente parte sem ter a certeza de um dia poder rever aquelas pessoas queridas. Por telefone, distante do contato físico, me despedi de Clarete e Sheila. Quanto silêncio entrecortado por um "oi, desejo-lhe muitas felicidades..." Quanta hipocrisia a nossa! Não que fosse mentira, mas desde que ao lado dela. Finalmente, ficamos acordados que trocaríamos telefones quando da minha chegada. Chegou a vez de falar com Antonio. Trocamos um longo e afetuoso abraço... E, sem dizermos nada, choramos os dois abraçados tudo que estava guardado em nossa alma. Grande amigo e companheiro foi Antonio para mim.

Ainda com os olhos marejados, entramos naquele velho Aero Willys, rumo ao Recife. Chegamos no Rio de Janeiro à noite, e decidimos dormir dentro do carro. Não precisa dizer que foi uma noite horrível, mas logo cedinho fomos recompensados pela beleza de dia que fazia. Precisamos correr para poder conhecer o Pão de Açúcar. De lá de cima vislumbramos uma paisagem maravilhosa! Os turistas enlouquecidos a tirar fotos e nós nos divertindo como nunca.

Essa viagem girou em ritmo de pura bagunça, várias brincadeiras. Mas tudo passa, e já estávamos no nosso segundo dia de viagem, indo na estrada em direção às barcas que faziam a travessia do Rio São Francisco. A partir dali comecei a pensar como seria a minha vida agora, onde iria trabalhar, o que me esperava. Bira e eu nos revezávamos ao volante durante todo trajeto. Num domingo chegamos. Estava eu ao volante, quando fiz questão de percorrer a beira-mar de Boa Viagem, saboreando aquele mar e aquela paisagem amiga que ficaram para trás um dia. Logo cheguei em casa. Dei um abraço em minha mãe e no meu pai, que me esperavam felizes. Pareciam não acreditar na minha presença. Agora é só matar saudade. E conversar...

Na solidão de meu quarto, acordei no dia seguinte e comecei a chorar... Um choro atrasado de alguém que vira ficar para trás o trabalho, os amigos, a esperança e a própria vida dividida em pedaços, que eu precisava urgentemente recompor. E caí em campo em busca de um emprego. Consegui um trabalho no Grupo Financeiro Ypiranga, como autônomo, para lidar com papéis: Fundo de Investimentos, Letras de Câmbio, etc. Sinceramente esse não era o emprego dos meus sonhos, em hipótese alguma. Só fazia andar muito, gastar sapato, dinheiro, e nada de retorno já que essa não era minha área de modo algum.

Nesse meio tempo cheguei a ligar para Clarete. Ela ficara feliz, dizendo-me que gostava muito de mim e que o meu lugar era lá em São Paulo, e não no Recife. Ponderei dizendo-lhe que se ela houvesse me dito isso antes, quando ainda estava bem junto dela, tudo seria diferente e as coisas tomariam um outro rumo que não aquele. Outras vezes trocaríamos telefonemas, e eu adiando sempre meu retorno a São Paulo, mas deixando uma porta aberta para essa possibilidade. Isso a animava sobremaneira.

Um belo dia, minha prima Carolina me telefonou à tarde, avisando-me que havia conseguido uma colocação para mim. Eu passaria a trabalhar no Hotel Côte D'azul, situado na Av. Boa Viagem, ocupando o cargo de recepcionista. Mas como recepcionista sem sequer saber inglês? Eu já estava condicionado ao trabalho, gostava de lidar com hóspedes e fiz ali muitas amizades. Lembro-me de algumas pessoas ilustres que se hospedaram lá: Jimmy Carter (ex-Presidente da América), Rudman Rockefeller, Chico Anysio, Toquinho e Vinícius de Moraes, Juscelino Kubitschek, entre outros. Mas nas horas vagas eu me deliciava ao ver aquele imenso mar à minha frente, possibilitando-me fazer terapia sem precisar de divã...

No início de agosto de 1972, comecei a namorar uma garota que residia há pouco no Recife, sendo natural do interior de São Paulo. Com o passar dos dias notei que meu sentimento para com ela não era amor, mas sim uma brava paixão. Esse sentimento é a própria negação do amor. A paixão queima o coração de quem a sente. A paixão é cega, egoísta e exclusivista. Quando de braços dados com esse sentimento, podemos vir a cometer verdadeiros absurdos, tudo em nome de um falso amor - o que é bem pior. Amor é doação, partilha, solidariedade e respeito com o outro. Mais uma vez estava eu envolvido numa relação que me fazia sofrer muito...

O ano de 1973 começou pessimamente para mim, parecendo sinalizar para coisas nada agradáveis. Em janeiro fui demitido do Hotel em que trabalhava, sob a alegação que infringira as normas da empresa, quando eventualmente me sentei ao lado de alguns hóspedes, nas mesas de seu restaurante. Confesso que era pura verdade, pois algumas pessoas gostavam de conversar comigo. Mas não me considere culgado por atender aos pedidos deles. Afinal, foram feitos alguns pedidos para que a direção revogasse aquela decisão, mas todos infrutíferos.

Mal começou fevereiro e a minha namorada viajou para São Paulo. Nos despedimos, mas com promessas de logo nos reencontrarmos. Uma semana após sua viagem, me escreveu terminando com nosso namoro. Rasguei a carta, e em silêncio comecei a chorar... Passei a sentir raiva de mim, e descontava toda minha frustração mergulhando na bebida. Cerveja, uísque e o que aparecesse eu bebia sem escolher dia nem hora. Os meus dias eram cinzentos, e eu seguia sem parar de fazer mal ao meu corpo, sem dar ouvidos aos incessantes pedidos de socorro.

As coisas acontecendo, e eu meio sem saber o porquê disso tudo. Certo dia viajei a Salvador para recuperar um carro de um amigo meu. Quando já estava no caminho de volta, lembro-me que chovia bastante na estrada. Corria sem parar na tentativa de chegar logo ao Recife. De repente, sem que pudesse fazer nada, vi o carro rodopiar na estrada, para em seguida capotar três vezes, lançando-me para fora. Eu vi tudo. Eu estava deitado no acostamento de barro, sem poder falar e sangrando bastante. Olhava aquela chuva a cair no meu rosto, e ficava a perguntar como escapei. Já era noite e estava na solidão da estrada, o corpo doía e eu sem saber o que fazer. Deus, mais uma vez, agia em minha vida e eu nascia mais uma vez... Depois de me recompor, consegui a duras penas levar o carro até Aracaju. Fui para um hotel pernoitar, e no dia seguinte encontrei um amigo que estava indo para Recife. Quando convidado, aceitei ir com ele. A cada curva que fazia, eu me contorcía todo ainda traumatizado com o meu acidente.

Uma música de Roberto Carlos diz assim: "Eu vou/voando pela vida/sem querer chegar" Eu parecia estar vivendo assim, sem sentido, sem horizontes, triste e carente. Minha carência era bem maior do que supunha. Estava trabalhando quando o telefone tocou. Era uma amiga que não via há muito tempo. Carol, o seu nome. Ela me convidara para passar o próximo sábado em sua casa, na praia de Piedade. Fiquei surpreso com aquele seu pedido. Naquele sábado à tarde, estava eu diante da porta de seu apartamento, quando a empregada dela atendeu dizendo-me: "entre, seu Luiz, Carol está no quarto de música à sua espera."

Caminhei até chegar ao quarto, encontrando-a deitada de bruços sobre o sofá, parecendo risonhar. Na vitrola, a inconfundível música de Tom Jobim ditava o clima. Parei por um bom tempo, admirando aquelas curvas... Não me contive diante da tentação que era o corpinho de Carol. Fui me abaixando, e suavemente comecei a beijar suas coxas, seus cabelos cor de mel, até tocar meus lábios naquele rosto lindo. Ela parecia indiferente àquelas minhas carícias, até que ouvi sua voz a me dizer: "seu bobo, pensa que não estou vendo, é?" Eu só quis te agradar, falei. Rapidamente ela deu um pulo, ficando de pé bem junto a mim. Eu não me cansava de admirar aquelas coxas, que ficavam à mostra dentro de uma saia curtíssima. Tinha um lenço amarrado às costas, a proteger os seios, tão cobiçados por mim.

Ela era vegetariana, comia verduras, carnes brancas, frutas. Depois de passadas algumas horas, ela resolveu me oferecer um suco de maçã. Aceitei de pronto, mas não sem antes de lhe dar um beijo e um abraço demorados. Passamos então a conversar sobre amenidades, e me falou de sua expectativa em logo se formar em administração de empresas. A música ao fundo parecia embalar aquela conversa. Foi aí que lhe falei da fase difícil pela qual passava, dos meus desencantos e descaminhos. Ela me sugeriu umas sessões com o psicólogo... Nunca ninguém me falara isso, e aquela idéia me assustou. Mudamos de conversa, e quase mudos, ficamos a nos amar. Aquele era um instante em que nada me afligia, minhas dores mudavam de endereço e eu parecia ter o mundo nas mãos.

Momentos assim passam, e a vida logo nos chama à responsabilidade. Definitivamente aquela não era a vida que eu queria. Mas tinha consciência disso, mas não via alternativas e continuava naquela rotina insípida. Isso só fazia minar meus frágeis sonhos, abalando muito minha saúde. Eu ficava ansioso para que chegasse o fim-de-semana, com ele novos porres, mulheres, devaneios... Meus dias eram assim.

Um certo dia, uma sexta-feira à noite, me dirigi a um clube de subúrbio onde havia um ensaio de Escola de Samba, onde fiquei até o seu final. Eram duas horas da madrugada, do dia 8 de dezembro de 1973. De repente ouviu-se o espoucar de tiros de arma de fogo, e meu corpo inerte caído no chão, motivado pela bala que chegou a transfixar meu crânio. Eu estava entre a vida e a morte... Fui internado com urgência no Prontoneuro do Hospital Português, e submetido a uma delicada intervenção cirúrgica que durou oito horas. O pátio do hospital estava repleto de amigos, todos querendo saber do meu estado de saúde. Involuntariamente eu fazia muita gente sofrer. Meus pais estavam arrasados, inconsoláveis, e várias pessoas passaram a fazer todo tipo de promessas.

Enquanto isso, eu estava em coma profundo. Nesse período de coma, eu emitia gritos que ecoavam além limites da UTI. Após uma semana assim, desperto e fico perplexo com tudo que vejo. Não sabia onde estava, o que faziam aquelas pessoas vestidas de verde com máscaras a me olhar, absolutamente nada eu entendia. Todas me faziam perguntas, e eu mal podia responder, então pensei que estava sonhando. Depois que todos se retiraram, reconheci meu irmão Germano aos pés da cama, olhando para mim. Não conseguia articular corretamente a voz, e a minha curiosidade em querer saber o que se passava comigo, era adiada por mais uns dias. Eu olhava meu irmão olhando para mim, com um olhar curioso de quem queria saber algo, e logo começavam a escorrer lágrimas do canto de meus olhos...

Estava eu num quarto de hospital, sem ter a mínima idéia da gravidade da situação. De repente, entra no quarto um enfermeiro com um rádio na mão, quando começo a ouvir Roberto Carlos a cantar a música *O Homem*, que dizia mais ou menos assim: "Um certo dia um homem esteve aqui / tinha o olhar mais belo que / já existiu..." E continuando: "Tudo que aqui Ele deixou / não passou e vai sempre existir..." Eu não havia escutado essa música antes em minha vida, e, sem entender o porquê, cai num choro convulsivo que demorou a passar. Deus, novamente, agia em minha vida e eu nascia de novo.

Qual o significado desses vários nascimentos em minha vida? Eu não sabia responder, "mas é preciso morrer o grão para nascer o trigo e morrer o trigo para nascer o pão". Minha impaciência ao querer saber o que acontecera comigo foi o fator determinante para que os médicos se reunissem e viessem falar comigo. Dois deles chegaram perto de mim, e foram logo falando: "Luiz, você sofreu um acidente automobilístico, foi operado com urgência, passa bem e em breve tudo voltará ao normal". Eu sabia que estavam escondendo a verdade, pois lembrei que nem sequer havia alcançado o carro, que estava estacionado do outro lado da rua. Ouvira tudo calado, e quando se retiraram, o silêncio se fez presente em meu quarto, e do canto de meus olhos era fácil ver as lágrimas escorrendo lentamente...

Os dias iam passando e as visitas continuavam proibidas. Vi quando duas enfermeiras entraram no quarto, retiraram toda roupa que me cobria, e começaram a me dar um banho no leito. Estava morto de vergonha e nem sabia que isso passaria a ser comum em minha vida. Eu não via a minha mãe há muito tempo, até que recebeu autorização para me fazer companhia durante as noites. Ela passava noites inteiras ao meu lado, sentada numa poltrona sem nenhum conforto, em plena vigília. Eu daria tudo para não vê-la sofrendo daquele jeito, solidária à minha dor. A dor moral dói bem mais que a física. Ela toma conta do nosso peito, dá um nó em nossa garganta, e só nos cabe chorar, chorar, chorar...

Pela segunda vez eu daria entrada num centro cirúrgico. Agora para retirar parte do crânio, devido a uma séria infecção contraída. A cirurgia durou cerca de duas horas, e agora a parte do crânio descoberta aumentara. 31 de dezembro de 1973. Véspera de ano novo e eu não sabia de nada, não tinha a mínima idéia de tempo... Eu estava prestes a morrer e os médicos já haviam dito à minha família que eu dificilmente escaparia. Uma enfermeira chegando perto de mim falou: "Luiz, feliz ano novo!" Mal entendi o que falava mas agradeci. Meus familiares sofriam com essa situação, e eu aos poucos começava a entender aquilo tudo.

Mas esta fase crítica passara e eu já estava apto a me transferir para o hospital, local onde começaria a realizar os tratamentos fisioterápicos. Nunca ouvi falar em fisioterapia antes e queria saber o seu significado. "Você vai fazer esses exercícios por um bom tempo, quando ao final voltará a andar normalmente.." - falou o Dr. Manoel Caetano de Barros, chefe da equipe de neurocirurgiões do Prontoneuro do Real Hospital Português do Recife, onde passei dois meses internado, sofrendo duas cirurgias. Comecei a tomar consciência de que já não andava normalmente e um longo caminho eu teria de percorrer buscando recompor os meus pedaços.

A escuridão e uma imensa interrogação caminhariam comigo por um longo tempo. Aprendia que a palavra "calma" seria a eterna resposta para minhas eventuais indagações. -- "Doutor, quando eu voltarei a andar?" -- "Calma, meu rapaz, tenha bastante calma..." Precisei me ausentar do hospital por três dias para em seguida retornar ao tratamento. Pela primeira vez chegara em casa sem as minhas pernas, andando pelas mãos de parentes e amigos. Sentado numa poltrona na sala de visitas, dispondo de todo tempo do mundo, pela primeira vez descobri quão bonita era a cerâmica de minha casa. Antes eu só a pisava, grosseira e distraidamente. Agora me sobrava tempo para admirar o belo, mesmo à custa de perdas e de muito sofrimento.

De volta ao hospital passei a fazer fisioterapia à tarde, ficando a manhã livre para receber visitas e me ocupar com alguma atividade. Infelizmente minhas manhãs eram de plena ociosidade. Ao meio-dia minha tia Celina mandava o meu almoço, isso durante todo tempo em que estive hospitalizado. Comecei a fazer amizades com alguns companheiros de infortúnio, tirando dúvidas e fazendo estimativas do tempo em que eu teria ainda de ficar ali internado. Eu não sabia o que era paraplegia, mesmo sendo um paraplégico. Eu me esforçava muito tentando readquirir o meu equilíbrio e partir para o treinamento de marchas.

Meu pai, todas as tardes, antes de ir para a padaria passava para me visitar. Lembro-me, com tristeza, das várias vezes em que não lhe dirigi a palavra. Ele mal entrava no quarto e ia logo perguntando por mim, fazendo-me algumas perguntas. Eu, simplesmente, calado estava, calado ficava... Eu começava a descontar no meu pobre pai todas as minhas frustrações. Depois de ouvir tanto silêncio, ele olhava para mim, numa postura de impotência, com um olhar distante, triste, me dizendo assim: "até logo meu filho, fica com Deus, eu te compreendo..." Eu não falava com ele mas por dentro ia me destruindo aos poucos, e o arrependimento logo chegava. Mas o que eu queria mesmo era poder abraçá-lo, e sorrindo dizer que me perdoasse por não poder mais andar, mas que eu estava tentando e tivesse um pouquinho mais de paciência.

Essa era a minha vontade, mas que ele nunca veio a saber. Minha mãe ficava ao meu lado todas as noites, indo embora só às vinte e duas horas. Ela era a paciência personificada. E no seu olhar distante, eu viajava também, buscando respostas para nossos frágeis sonhos, ignorando por completo o imponderável. Ah!, meu pai, ah!, minha mãe, a dureza do mundo lá fora e a leveza de vossos gestos, cá dentro comigo. A liberdade de minha mãe ficara comprometida por causa de seus cuidados e o zelo devotados a mim, e tal comportamento apenas começara. Meu irmão Germano passava o dia inteiro ao meu lado, e isso comprometia os seus estudos, o seu trabalho, a sua vida. Um simples tiro, e o despencar de uma estrutura familiar.

Os meses iam passando e os exercícios pareciam não surtir os efeitos desejados. Eu chegava a ficar de pé, mas me faltava o equilíbrio necessário para o simples caminhar. O meu companheiro de quarto chamava-se Fausto, este senhor fora vítima de um derrame cerebral. Certo dia uma família chegou para visitá-lo. De repente, uma moça se aproxima de mim e começa a me fazer inúmeras perguntas. Eu respondia uma a uma. Queria saber tudo de mim. Ao se retirarem, todos se despediram, falando também comigo. Acontece, que para minha surpresa, vi quando aquela loura entra correndo no quarto, e chegando perto de mim, foi logo me beijando dizendo: "tchau, amanhã eu volto!"

Eu não acreditava naquilo. Como uma moça bonita, nova e cheia de vida vem se enamorar de uma pessoa fragilizada, submetida a um leito de hospital? Logo eu que buscava me equilibrar nas pernas, na vida e no mundo. Eu estava meio bobo com aquilo tudo, quando na manhã seguinte ela cumpriu a sua palavra. Foi se chegando, e assim sentou-se na minha cama, sem nenhuma cerimônia. Estava à vontade como se nos conhecêssemos há muito tempo. Ela ficava me admirando, dizendo gostar das minhas mãos, dos meus pés, da minha boca, da minha cor... Ah!, essa Jane ou iria me levantar ou me derrubar de vez, pensei.

Eu não tinha estrutura para assumir namoro nenhum, pois estava envolvido numa bruta crise existencial, sem aceitar a possibilidade de não mais vir a andar. Mas deixei que as coisas fossem acontecendo, do modo mais esportivo possível, mesmo sabendo que poderia vir a me machucar adiante. Quis correr o risco, por que não? E todas as manhãs ela entrava rápido no meu quarto, vinda da Unicap, onde cursava Direito. Geralmente ficava das 11h00 às 13h00, quando se despedia de mim. Enquanto lá estava, ficávamos a nos beijar ardentemente. Meses depois soube que terminara seu noivado de dois anos, e sua família se voltara inteira contra ela, dizendo que estava vivendo uma simples e passageira ilusão, e que um dia poderia se arrepender disso. Fui obrigado a concordar com toda a família, mas...

Os domingos à tarde eram especiais para mim. Minha mãe e minhas irmãs iam me visitar, enchendo de alegria aquele quarto, numa tremenda algazarra. E juntavam-se a nós: Fátima, prima de Jane; Artur, companheiro de enfermagem e nosso amigo, além de Germano e o saudoso José Ângelo, meus irmãos queridos. Eu gostava de repartir entre todos alguns pastéis que a tia Celina costumava me levar todos os domingos, modificando um pouco aquela rotina. Eram dias difíceis para mim, já que tudo indicava que dali em diante o meu caminhar seria sobre rodas...

Vivia com vergonha de expor minha deficiência, ao me deslocar do quarto para a clínica de reabilitação. Esta fase demoraria a passar. Os médicos, sempre que conversavam comigo, passavam a insinuar, em cada assunto levantado, o fato de que grandes homens se notabilizaram no mundo, mesmo estando alguns deles em cadeira de rodas... Precisava rapidamente carregar comigo a força crua da realidade, vindo a me sentir um homem livre e útil, mesmo tendo de caminhar sobre rodas. O destino costuma nos colocar, muitas vezes, contra a parede, sem nos oferecer opções. Por um momento, lá se vão as utopias, os sonhos e as ilusões.

O paraplégico precisa se acostumar a essa nova fase em sua vida, e assim ser capaz de poder flexionar os passos por novos caminhos, em busca de novos horizontes e objetivos, carregando consigo pernas já embrutecidas pelo ócio. Eu me deliciava ao ver na televisão algumas pessoas caminhando sem ter a menor consciência da complexidade que aquilo representa, com suas milhares e milhares de células provocando o milagre do andar, sem precisar de nenhum esforço para isso. Numa partida de futebol, por exemplo, os atletas se expõem ao máximo, chegando muitas vezes a atingir o outro gravemente. Eu pensava em poder chegar perto deles e pedir que não atuassem daquela forma, evitando assim ter de passar pela minha dor...

Há um ditado que diz: "nós só damos valor às coisas depois que as perdemos". Eu vivia em meio àquela transformação, e aos poucos fui me reconhecendo um outro, à medida em que buscava enriquecer o meu avesso, tão importante e desconhecido para mim. Da janela do meu quarto, costumava apreciar o brilho das estrelas, sem ter que me preocupar em nada com o passar do tempo...

Eu já estava um bom tempo no hospital, e o meu caso parecia estacionado. Em cima do tatame me derretia de tanto suar, devido ao enorme esforço que fazia tentando recuperar o meu equilíbrio. Nada daquilo eu gostava, mas por outro lado dava-me por satisfeito por não ter problemas como incontinência urinária, intestinal ou escaras, além de ver preservadas as funções da ereção peniana. Eu estava começando a descobrir as inúmeras dificuldades encontradas pelos portadores de deficiência física, auditiva e visual. Vi crianças cegas e paráliticas, jogadas num canto de uma enfermaria qualquer, carentes praticamente de tudo. Tão novas e já abraçando a solidão, todas hóspedes do silêncio.

Por que eu teria de viver essa realidade, se nada podia fazer a não ser me sentir impotente e insignificante? Mas os dias passavam rápidos e as novidades surgiam... Um senhor de Caruaru dera entrada no quarto de frente ao meu, tendo como acompanhante a sua filha, de nome Edna. Jane continuava assídua freqüentadora, e o nosso "namoro" caminhava ao Deus dará. Mas, um certo dia, ela me confidenciou que só queria mesmo que eu voltasse a andar, pois do resto cuidaria ela... Pela vez primeira me senti um objeto, algo manipulável. Mais ou menos assim: bastaria eu andar, caso contrário seria descartado... Foi o meu primeiro desengano. Engoli calado, e a partir dali passei a controlar os meus impulsos, a dosar os sentimentos.

Certa noite, após minha mãe ir embora, Edna chegou à porta e perguntou como eu estava, e pediu para entrar. Claro, fique à vontade, falei. O companheiro de quarto ao lado dormia, mas já havia me alertado que aquela moça tinha um olhar especial para mim. Em poucas palavras, começamos a nos beijar, aproveitando o silêncio da noite num leito de hospital. Ela usava uma camisola azul, com um generoso decote deixando os seios à mostra, e eu me deliciava encostando meu rosto neles... Era mais um complicador em minha vida, e cada vez menos eu entendia as mulheres.

Os dias passavam rápidos, quando um belo dia a irmã Leontina entra no quarto querendo saber de mim. "E aí, Luiz, animado?" - Sim, irmã, nada a reclamar, apenas aprendi que as crianças são mais rápidas que eu, e logo aprendem a andar. "Calma, Luiz, tenha calma, o seu quarto sempre cheio de visitas, com muitas moças bonitas, querer mais o quê?" A irmã Leontina tinha muita pena de mim, dizia ao meu irmão que o tiro que tomei devia ter me deixado meio bobo. Eu tirava proveito disso pedindo às enfermeiras para trocar a minha roupa de cama todos os dias, no que era prontamente atendido.

Nove horas da manhã, daquele mês de outubro. Eu já estava perto de receber alta do hospital, quando na porta aparece minha amiga Carol... Ela abriu aquele sorriso, vindo em minha direção com um embrulho na mão. Eu falei: "até que enfim apareceu, já nem lembrava mais de você". "Ah, me perdoe seu bobo, eu pensei tanto em você, mas quando soube do acontecido as notícias não eram nada animadoras, e resolvi não lhe ver daquele jeito". Tudo bem, o importante é que estás aqui, comece a falar de você. "Primeiro, eu lhe trouxe um livro de Hermann Hesse, Demian, espero que goste. Sabe, Luizinho, daqui a uns seis meses eu estarei me formando, e já estou pensando em fazer mestrado na Europa. As coisas andam tão chatas por aqui..."

Eu ouvia tudo calado, e terminei por lhe dizer: "Carol, trate de valorizar as pequenas grandes coisas à sua volta, você nem tem consciência que elas existem. Agradeça pelo corpo perfeito que possui, valorize cada movimento que você executa, obedecendo às ordens do cérebro. É maravilhoso poder andar livremente, e saber que tem tanta gente de posse de todos os movimentos, e seguem mantendo a vida parálitica dentro delas, chega a doer em mim." No que ela retruca: "Ô meu lindo, não vamos falar nisso não! Afinal você me parece tão bem, está lembrando um anjinho barroco". Conversamos mais um bom tempo, e ela parecia não se cansar de alisar minhas pernas, movimentando sempre meus dedos dos pés... Ao nos despedir, trocamos um beijo e um abraço demorados, como se não fôssemos mais nos ver.

Penso que sou uma pessoa boa e sensível. Sempre gostei de ler e ouvir uma boa música. Gostar de ajudar as pessoas sempre esteve em meus planos. Muitas vezes chegava em casa sem a minha camisa, e minha mãe já estava acostumada a isso. Eu ajudara alguém que precisava mais que eu, mas imaginava que era preciso fazer algo de forma efetiva porém não sabia como, embora continuasse tendo esperança de conseguir isso um dia. Sou uma pessoa fácil de se emocionar, e não é difícil alguém perceber lágrimas escorrendo sobre minhas faces. Sinto uma necessidade imensa de ser bom, cada vez melhor, mas a realidade do meu dia-a-dia me frustra e não consigo o meu intento. Estou sempre a dever... Preciso dizer ao mundo que me ajude a receber o amor que reside em meu peito. Recebam, por favor, o amor que é de todos vocês, pois não há sentido dele viver apenas em mim. O poeta Carlos Drummond disse tudo nesta frase: "tenho duas mãos e o sentimento do mundo". Mas um dia chegou a vez de eu receber alta. O mundo lá fora me esperava, indiferente aos meus questionamentos e à minha dor, e mais uma despedida acontecia comigo.

Passei a fazer fisioterapia todas as tardes, e Jane era quem me levava para a clínica e me trazia. Mas dentro de mim existia um vácuo e uma tristeza que não sabia explicar o porquê. Esse sentimento não desaparecia, ao contrário, aumentava com o passar dos dias. Durante o percurso eu via carros em disparada para todos os lados, e o cheiro de combustível queimando me fazia mal. Calor, o suor escorrendo, barulho, poeira no ar, pessoas andando rápido, de um lado para outro, por ruas tortuosas, todas buscando conferir seus afazeres, num aprendizado diário daquilo que chamamos de vida! Eu percebia, mais que nunca, que viver é um ato constante de equilíbrio e movimento.

O Natal de 1974 estava bem perto, e eu mantinha a minha rotina de ir à clínica todos os dias, enquanto Jane se mantinha alegre e confiante em meu total restabelecimento. Num determinado dia, ao voltar da clínica para casa, com a ajuda de meu irmão sentei-me numa cadeira para descansar. Logo Jane debruçou-se sobre minhas pernas, começando a me fazer carinho. Meu Deus, o que estava se passando comigo, pois tudo que fazia por mim só aumentava o meu complexo, o meu sentimento de impotência. O meu machismo ganhava corpo e esmagava o homem que havia em mim. Eu entendia que estava havendo uma inversão de valores. O meu papel seria o de comandar o carro, com ela ao meu lado, e de preferência seguirmos junto com destino a um restaurante da cidade.

Eu não aceitava outra hipótese de jeito nenhum, e estava doente por isso. Foi aí que resolvi segurar o seu rosto, e, com os olhos cheios d'água, agradei por tudo que fizera comigo até então. Depois de alguns segundos em total silêncio, cheguei a pedir para ela não mais me procurar, pois era preciso ser assim... Ela me olhou perplexa, e calada baixou a cabeça, tentando respirar para se refazer daquela minha grosseria, da estupidez de um ato impensado. Depois, Jane, chorando bastante, foi embora sem poder se despedir de ninguém.

De imediato comecei a sentir falta de sua voz, de cada gesto de carinho seu comigo, e a sua ausência tomava conta de mim. Cansado, triste, desorientado, consegui reunir forças e pedi ao meu irmão para me levar para o quarto. Já deitado na cama, minha mãe foi me perguntar por que eu fizera isso com ela. Respondi pedindo a sua ajuda, já que estava sofrendo muito, enquanto ela seria bem mais fácil de esquecer tudo. Foram seis meses de convivência diária. Juntos aprendemos a gostar um do outro, sempre respeitando e nos acostumando com as nossas diferenças. E foram essas diferenças que fizeram com que ela um dia se aproximasse de mim. E pensar que fazíamos tantos planos... Um dia a realidade vem, e nossos sonhos infantis se vão...

Natal de 1974... Eu estava no terraço, prestando atenção ao meu pai que cantava a música "La Traviatta", no banheiro. Meu pai era um tenor, uma grande alma de artista. Ele poderia de ter conseguido sucesso em tudo na vida, menos como comerciante que foi a vida inteira. Era também filatelista, para quem não sabe, colecionador de selos de todo mundo. Devido a essa sua qualidade, pôde conhecer quase tudo da vida e do mundo, sendo parecido com uma "enciclopédia ambulante". Tinha a sensibilidade à flor da pele, e era fácil vê-lo por vezes emocionado. Seu jeito o fazia uma pessoa alegre, daquelas que chamamos de uma casa cheia, estando sempre a brincar com um e com outro.

No seu dia-a-dia, não podiam faltar à mesa uma boa sopa quente, frutas a valer, um bom vinho, e vez outra um bom caldo-verde português. Amante da vida, adorava ficar horas a conversar amenidades, onde podia demonstrar o seu conhecimento das coisas. Adorava e cultivava orquídeas, essa maravilha de planta silvestre. Caruso era para ele o maior tenor que o mundo conheceu. Eu ficava embevecido com as proezas de meu pai, e isso amenizava a minha tristeza. Estava completando um ano do meu acidente, e minha insatisfação era propícia para que eu só viesse a contabilizar perdas: perda do meu andar, perda da namorada, perda da vontade de continuar a lutar, e, principalmente, a perda da fé que eu não tinha...

Eu levei uma vida inteira me equilibrando em cima de uma navalha: de um lado a vida, do outro a morte. Uma força estranha, que eu não sabia explicar o que era, sempre soprava a meu favor, me empurrando para a vida! Eu precisava estimular o meu lado fraco a continuar insistindo em poder um dia ser forte. Mesmo incrédulo, por instantes, eu precisava mentir para mim mesmo, e assim poder fazer valer a obstinação que em mim vivia adormecida. Em toda minha vida eu sempre torci para o mais fraco, por que não torcer agora por mim? Aquilo que perdemos um dia, pode ter sido emprestado a vida. Quem nos garante que um dia a vida não possa nos devolver tudo, mesmo que não venha mais com o mesmo sabor nem a mesma cor? Claro que pode! Mas aí será preciso reaprender a gostar e a amar aquilo que nos foi dado. É a vida...

Em meados de 1975, de comum acordo com meu irmão Germano e com o meu amigo Artur, fomos passar uma temporada na praia do Janga. Fizemos compras para três pessoas para durar umas duas semanas. Logo nos instalamos naquela casa à beira-mar. No quintal havia uma passarela, feita especialmente para mim, onde eu fazia exercícios diariamente, andando de um lado para outro, me agachando, tentando me equilibrar e fortalecer os meus braços. Eu ficava assim cerca de trinta minutos sem parar, debaixo de um sol escaldante que queimava minha pele branca sem piedade. O suor escorria da cabeça aos pés, e eu era todo alegria e entusiasmo naquela passarela. De longe, talvez eu parecesse com um atleta em fase de recuperação.

Eu via o meu irmão subir no muro com a maior facilidade, depois passava a caminhar sobre ele sem a menor preocupação. Seu equilíbrio era perfeito, e eu me comprazia com isso. Meu coração batia palmas para aquele "espetáculo" proporcionado por ele. Ah, se eu soubesse antes o que sei agora, vivia a agradecer todas as vezes em que subisse alguns degraus, ou me sentasse num muro distraidamente. Pela manhã, bem cedinho, já estávamos prontos para degustar uns sanduíches com suco de frutas e um pouco de café com leite. O vigia da casa ao lado chamava-se João, e nos acompanhava diariamente nesse café matinal. Era uma pessoa engraçada, simples, e seu sorriso alvo contrastava com sua pele negra. Aproveitei para lhe presentear com uma camisa vermelha e branca, cores do meu Náutico Capibaribe, com a condição de exibi-la sempre que puder.

Após o café, lá estávamos nós diante daquele majestoso oceano, com suas águas em tons azulados. A praia estava sempre deserta, e eu olhava emocionado para o infinito do horizonte. As lágrimas rolavam fáceis em agradecimento por aquele momento. Oh, meu mar amigo, hoje já não posso nadar-te, já não posso mergulhar-te a procurar por tuas sereias, mas tu continuas belo, exuberante e encantador! Meu mar querido, hoje peço-te para que me aceites com minhas limitações, com minhas pernas e braços alheios à tua força, e sejam tuas ondas amigas, no vai e vem do me banhar. Chegava a ficar horas a fio com a água pela cintura, ajudado pelo meu irmão que me segurava. Assim eram os meus dias naquela praia deserta, e eu aproveitava para dar oportunidade à criança que latente vivia em mim.

Às vezes Artur e eu íamos até à Clínica do Hospital Português, onde fazíamos exercícios e tomávamos (erradamente) massagens. Enquanto isso conhecemos duas fisioterapeutas, Míriam e Lúcia, e logo nos tornamos amigos. Num determinado dia, ao chegarmos lá, elas perceberam nossos corpos bronzeados pelo sol e deixaram escapar que gostariam de um dia poder ir até lá para nos visitar, e assim passaríamos um agradável dia juntos. De imediato falei que poderia ser no próximo domingo, e passei o endereço e o mapa para elas. Elas concordaram e ficamos felizes com isso.

O cozinheiro da casa era Artur e naquele domingo, mais que nunca, ele precisava caprichar com um almoço diferente. Resolvemos comprar peixe fresco na porta de casa, embora nos parecesse falta de imaginação, servir peixe estando na praia. Mas vá lá que seja e assim foi. Às dez horas do domingo elas chegaram e ambas me encontraram fazendo exercícios na passarela. Artur e Germano estavam arrumando um pouco a casa, para não demonstrar tanta bagunça assim. Pedi que me ajudassem a sair dali e fui me sentar no terraço. Nada de cerimônias, fiquem à vontade, foi o que lhes falamos.

Eu prestava atenção no que Lúcia falava. Ouvi dizer que achava a praia longe demais. Então disse-lhe que uma vez na vida não faria mal a ninguém, no que ela teve de concordar, rindo. De bebidas na geladeira apenas suco de frutas e um guaraná. Pedi para que meu irmão as conduzisse até o quarto, onde elas trocariam de roupas e vestiriam seus maiôs. Era isso o que mais queríamos e ficamos satisfeitos ao vermos aquele lindo panorama.

Pela primeira vez aquilo acontecia e achamos que merecia um brinde, mesmo à base de suco de frutas. Os médicos haviam me dito que eu jamais poderia ingerir bebidas alcoólicas. Eu ainda sentia falta da bebida, mas estava inteiramente conformado. Paramos um pouco a conversa e fomos direto à praia. Eu via aquelas mulheres lindas, em trajes sumários, se encaminhando em direção ao mar, em total contraste com meu trôpego caminhar. Então começava a pensar em coisas que não caberiam naquela hora. No fundo estava feliz em tê-las como amigas e a todo instante eu demonstrava o meu bem-querer às duas. Foi um domingo atípico, alegre e saudável!

Era o ano de 1976. Os sinais de minha ida para a ABBR, no Rio de Janeiro, ficavam bem claros. E a primeira providência que eu teria de tomar seria a de me submeter à uma cirurgia plástica na cabeça, onde seria colocada uma placa de acrílico para substituir parte do crânio perdida. A cirurgia aconteceu em março no Hospital Português. Fiquei internado no mesmo pavilhão de anos atrás, agora no quarto nº 8. Fui operado e passei dez dias hospitalizado. Durante esse período, fiz amizade com um casal do quarto ao lado. Antônio ficara tetraplégico após pular de um trampolim da piscina de um clube. Soube através da sua esposa, Norma. Essas coisas desagradáveis eu já estava me acostumando a ver, sem saber o que o futuro me reservava...

O casal era muito novo, e diante dessa tragédia estava inteiramente perdido, atônito, e buscava comigo informações onde pudesse se orientar. Norma tinha uma irmã que lhe fazia companhia, chamava-se Nelma, mas enquanto estive lá passava horas junto a mim, colhendo informações, ao mesmo tempo em que me consolava me dando forças, dizendo que eu deveria seguir em frente o meu caminho. Ela perguntava se eu tinha namorada e com seu olhar insinuante tentava me seduzir. Eu me perguntava: "Meu Deus, outra mulher carente em meu caminho?". Qual o atrativo que eu dispunha, perguntava a mim mesmo.

Conversei bastante sobre esse tema e minha tese era a seguinte: claro está que a mulher com o seu dom natural de mãe age, inconscientemente, de forma protecionista. Atrai para si aquele que necessita de cuidados, de carinho. Por outro lado, a mulher, namorando uma pessoa como eu, se sentiria muito mais confortável e segura de si. Meu espaço, superlimitado, dava-lhes a entender que estariam preservadas de ver outra mulher na minha vida. Essa tese, embora simplista, merece ser levada em consideração por todos aqueles que lidam com a emoção e o sentimento humano.

Em apenas uma semana, ensaiamos algumas carícias e trocamos vários beijos, tudo na surdina para que sua irmã não soubesse. Nesse meio tempo, houve um aniversário em minha casa, tendo Nelma marcado sua presença. A partir dali, aquela família entrava de vez no meu caderno de amigas. Eram amizades forjadas no sofrimento e na dor.

Junho de 1976. Lá ia eu rumo ao Rio de Janeiro. Já dentro do avião meu irmão me fazia companhia e me acalmava em mais uma dorida despedida. Eu estava nervoso, intranquilo com mil interrogações na cabeça. Estava de volta ao Rio, mas desta vez fragilizado, um homem perdido no tempo. Pensava no acidente que me deixara assim: e eu era aquele pássaro em pleno vôo, quando uma arma assassina me atingiu em cheio. "Acorda Luizinho, cadê tua esperança, cadê a tua fé?" Fé! Palavra mágica!

O avião corria célere, indiferente à minha dor. No meu nervosismo, pedi à aeromoça um copo d'água. Depois de um esforço tremendo, reuni coragem e olhei pela janela do avião. O que vi não tinha preço, um espetáculo indiscreto! O pôr-do-sol visto a dez mil metros de altura. Ao mesmo tempo que lindo, era bastante triste: algo que se vai, depois só nos resta a escuridão. Aquele postal mais parecia meu estado d'alma, já que acabara de provar uma despedida e as lágrimas ainda se faziam sentir. Mas chegamos ao Rio de Janeiro. O Rio visto de cima é lindo! Cristo Redentor, braços abertos sobre a Guanabara.

Na manhã seguinte, eu já estava naquela que era a maior clínica de reabilitação do País. Na entrada havia a Faculdade de Fisioterapia, adiante íamos encontrar o bloco anexo do hospital, a seguir o bloco central onde abrigava cerca de cento e trinta pacientes internos. Mais um bloco cirúrgico, uma lavanderia, várias oficinas ortopédicas, um refeitório, um sala especial onde estava instalado o CLAM (Clube dos Amigos da ABBR), uma quadra esportiva, uma piscina, um ginásio, STI (Setor de Tratamento Individual), recepção, escritório, salas de diretoria, uma lanchonete. Tudo isso era a ABBR. Sem falar nos seus trezentos funcionários e pacientes externos, cerca de mil pessoas. Ali estavam depositadas todas as minhas esperanças.

Eu já havia passado pela avaliação, onde ficara acertada toda a minha programação, relacionada à carga de exercícios que fazia diariamente. Das 8:00 às 9:00 tábua ortostática; 9:00 às 10:00 hidroterapia em piscina; 10:00 às 11:00 STI; 12:00 almoço. Das 14:00 às 15:00 terapia ocupacional; 15:00 às 16:00 exercícios no ginásio. Eu me acostumava rapidamente a tudo aquilo, e a seção de vinte minutos de gelo, da região ignal até o tornozelo, era o meu pior momento.

Logo fiquei a par de toda parte física da clínica. Conheci também médicos, fisioterapeutas, psicólogos, nutricionistas, funcionários gerais e o corpo diretivo. O fato é que aos poucos fui ganhando a simpatia de muitos deles, passando a ser todos meus amigos. Fiquei conhecido por todos, não pelo meu nome, mas por Pernambuco. Era um tal de "Pernambuco" pra cá, "Pernambuco" pra lá, e aos poucos ia granjeando novos amigos, ao passo que aumentava para mim a responsabilidade por esse carinho espontâneo. Em poucos dias fiz amizades com mais de cem pacientes, e logo me ofertaram o cargo de Diretor Hospitalar do CLAM/ABBR, um clube interno para pacientes e ex-pacientes, responsável direto pela integração de pessoas deficientes à sociedade. A função desse clube era de vital importância, tanto que em nada ficava a dever aos exercícios que fazíamos a cada dia. A interação entre pacientes novos e ex-pacientes era de fundamental valia. A experiência de vida que nos era passada servia para readquirirmos a confiança perdida. Eles levavam suas vidas ativas, muitos casados, trabalhando, dirigindo seu próprio carro adaptado, etc.

Aos domingos, minha prima Selma sempre ia me visitar. Ela morava em Ipanema, bairro Zona Sul do Rio, onde existe uma famosa praia. Certa tarde eu estava em companhia de Nádia, uma moça que se recuperava de um acidente, e que chamava atenção pela beleza física, quando ela chegou. Quando Selma se dirigia para me cumprimentar, ao mesmo tempo Nádia se levantava para nos deixar a sós. Mas antes, passando a mão no meu rosto, disse: "tchau, à noite, depois do jantar, preciso conversar com você".

Ao presenciar a cena, minha prima foi logo me perguntando: "Luizinho, essa moça é o quê aqui?". Respondi tudo sorrindo, e ela me disse: "meu filho, tenha muito cuidado, isso aqui não é Recife não! Uma moça bonita dessa pode ser um pedaço de mau caminho. Cuide apenas de se tratar, aproveite essa chance!". Eu ouvi tudo calado, então falei: "minha querida prima, essa relação entre as pessoas aqui, a ida ao cinema e ao teatro, tudo é importante e faz parte da recuperação do indivíduo. Pode perceber o grande bem?" E continuei: "isso aqui é uma oficina humana, onde as pessoas vêm em busca de reparar seus defeitos, na vã intenção de recuperar o que foi um dia perdido. É um engano pensar que só o tratamento físico basta. Depois a pessoa é devolvida à sua casa, podendo tornar-se uma inútil, um peso para a sociedade". Ela, após ouvir com atenção, olhou para mim e disse: "bonito o que você me falou, pode ser mesmo verdade isso tudo, mas não deixe de ter cuidado, você ainda é um menino". Ah, essa prima é de fato muito especial, ainda me trata como uma criança...

Após mais de uma hora a conversar, ela se foi, mas não sem antes fazer uma relação com inúmeras recomendações, demonstrando todo seu carinho e bem-querer comigo. A noite chegou, e eu fui em direção ao refeitório. Após o jantar, eu me vi diante de Nádia novamente. Ficamos a conversar sozinhos, naquele imenso terraço. A certa altura, eu demonstrei minha perplexidade em conhecer tanta gente com os mais sérios problemas de ordem física, psíquica e emocional. Então, ao divisar a imagem do Cristo Redentor, de costas para a ABBR, minha voz embargou e eu cheguei às lágrimas. Nisso, ela inclinou-se para o lado, e para surpresa minha, beijou-me com minha total cumplicidade. Aquele foi o primeiro beijo que trocamos.

Rio de Janeiro, Natal de 1976. Pela primeira vez eu estava passando um Natal fora de casa. A ABBR estava deserta e as pessoas estavam em suas casas. A direção daquela clínica havia oferecido um jantar àqueles que ficaram - os "estrangeiros", como eu. Ao romper de um novo ano, a mesma coisa. Naquele silêncio ampliado, eu fiquei horas contemplando o céu estrelado. Ao lado se via a imagem do Cristo a nos proteger. Eu não tinha a menor consciência sobre a vida de Jesus... Nada eu sabia.

Eu estava ao lado de alguns amigos paraplégicos, assim como eu, sem esconder minha tristeza pela solidão daquele momento. Tudo parecia distante e triste para mim. Vez ou outra ouvíamos uma piada de um de nós e isso ajudava a amenizar aquela estranha sensação de "abandono". Mas 1977 chegara e com ele o mesmo ritmo dos exercícios; a paradinha para um descanso no clube; buscar um tempo para aquela escapulida e saber das novidades. Novas fisioterapeutas apareceram na clínica e logo comecei a fazer amizades. Eram recém-formadas e estavam fazendo estágio. Não podemos esquecer Vânia, Dalila, Rosa, Lúcia, Denise, Paula, Dulce, Abgail, Ângela, Beth, Fernandão, Sandra, Edinho, etc. Entre os pacientes lembro-me de Emília, Carmem, Leila, Eliane, Nádia, Vera, Rosângela, Gilson, Márcio, Sérgio, Adelson, Zé Carlos, Wiliam, Carneiro, etc.

Não existia rotina naquele lugar, todos os dias ocorriam muitas novidades. A frequência no clube aumentava a cada dia. Novos pacientes apareciam, novos contatos eram mantidos. O CLAM era o coração pulsante daquela clínica de reabilitação. E assim os meses passavam sem que sentíssemos. No mês de maio, ouvi de Nádia a notícia que ela estava de alta e que iria embora na semana seguinte. Mas, numa sexta-feira antes, ao invés dela ir para sua casa, onde passava normalmente os fins-de-semana, resolveu sair comigo e me levar a um motel, na Barra da Tijuca. Aquela notícia me deixou pensativo. Eu não ia para cama com uma mulher há bastante tempo, uns três anos e quatro meses, mais ou menos. Eu sabia que teria de fazer daquele momento um trampolim, medir bem as conseqüências, mesmo sabendo, Nádia eu, que éramos simples amigos e o amanhã não nos preocupava.

Rio de Janeiro. Após jantarmos na ABBR, Nádia e eu entramos no carro e fomos em direção à Barra da Tijuca. No caminho eu deixava deslizar minha mão sobre suas coxas, e ela soltava um sorriso de cumplicidade. Naquela noite tudo parecia uma festa: eu via os carros correndo de um lado para outro; via gente em busca de lazer; via luzes e cores nos letreiros que margeavam a estrada, e tudo isso era vida para mim. Eu, em silêncio, agradecia a Deus por ser tão generoso comigo.

O primeiro probleminha: já tínhamos ido a três motéis, sem conseguirmos porém sucesso devido à falta de acesso compatível à cadeira de rodas. Mas não demorou muito e chegamos a um ideal. Eu não queria nenhuma pressa, já que tínhamos todo tempo do mundo. Cheguei junto à cama e pedi para ela me ajudar a passar minhas pernas sobre a mesma. Depois, já sentado, tirei a minha camisa e deitei. Depois disso Nádia, sem demonstrar nenhum constrangimento, ajudava-me a tirar de vez as minhas calças. Agora é a sua vez, minha linda - falei para ela.

Engraçado, somos livres e agora estamos juntos, só por hoje... E eu continuava a lhe falar: "você está sendo partícipe de um momento importante de minha vida..." Ao olhar para o lado, quase fiquei tonto ao vê-la tirando a blusa, deixando seus seios à mostra. E logo juntara seu corpo ao meu, e começamos a nos tocar e a nos beijar como dois apaixonados. Minhas mãos tateavam o seu corpo e encontravam na maciez de sua pele razões para beijá-lo todo. Mas eu já não podia mais "cavalgar" sobre a parceira, e ela ficou todo tempo sobre mim, conduzindo à sua maneira aquela relação amiga. Sentia-me inteiramente dentro dela, quando após um longo tempo, o clímax acontece. Pedi então para deitar sobre mim, e, apertando-a contra o meu peito, começava a lhe fazer carinhos, sem dispor da mínima idéia de tempo.

Era preciso valorizar aquele momento ao máximo. Nádia e eu estávamos inteiramente relaxados. Pedimos um suco, cada um, e acendemos um cigarro. Nádia falava pouco, mas o suficiente para dizer que iria sentir muita falta de mim, por eu ser um cara sensível e amigo, além de ser amoroso com as pessoas. Pedi para evitar falar dessas coisas assim, já que estava farto de tantas despedidas. A nudez de nossos corpos era um convite a mais uma "cavalgada", e dessa forma nos amamos outra vez - sem pressa...

O cargo de Diretor Hospital no CLAM/ABBR colocava sobre as minhas costas a responsabilidade, entre outras coisas, de levar as reivindicações dos pacientes à diretoria da ABBR para suas devidas providências. Eu fazia isso com muito carinho, haja vista serem os reclamantes, em sua maioria, pessoas de idade. Cansei de passar pelas dependências daquela clínica e ouvir o chamado de muitos velhinhos a dizer: "Pernambuco, por favor me ajude!, peça a um enfermeiro para me tirar daqui". Isso ocorria quase sempre nos horários de refeições, quando o número de enfermeiros não era suficiente para fazer face à demanda de pacientes. Eu costumava agir assim: pedia a cada um que tivesse calma, que as providências já foram tomadas, até que a solução aparecesse. Por vezes fiquei a conversar com eles, perguntando onde moravam, se tinham filhos, e desse modo fui adquirindo a confiança e o carinho deles. O fato de imaginar que uma pessoa daquelas poderia ser meu pai, ou a minha mãe, contribuía para eu ser carinhoso assim com eles, pois eu ficaria muito feliz em saber que alguém tratara bem de meus pais um dia.

Certo dia fui chamado pelo serviço de som da clínica, solicitando minha presença à sala da chefia de enfermagem. Tratei de tocar minha cadeira até lá e quando entrei me vi diante de Rita, a enfermeira chefe. Ela foi direto ao assunto. "Luiz Aurélio, sei de sua atuação à frente do CLAM e, como estou há poucos dias respondendo pela chefia de enfermagem, gostaria de saber de você algumas sugestões para melhorar o funcionamento do corpo de enfermagem". Agradei pela atenção e sugeri o seguinte: "sei que existem três tipos de classificação de funcionários, os placas-verde, azul e vermelho. Verde, correspondendo a chefes de postos; Azul, formados em Auxiliar de enfermagem; Vermelho, os atendentes rasos, os chamados "peões". Fiz ver a ela que os "vermelhos" ficavam com a pior parte dos trabalhos, tendo de pegar no pesado, fazer o asseio dos pacientes, levá-los para todos os lugares, etc. Muitos com mais de dez anos de casa, ganhando só o salário mínimo, sem nenhum estímulo para melhor produzirem. Sugeri para que fosse reivindicado junto à direção um adicional no salário de 15%, como reconhecimento e estímulo. Dias depois soube que a direção aprovara um adicional de 10%. Claro que vibrei com o feito, uma surpresa para todos. Os funcionários, depois disso, passaram a me ver com um amigo.

Um domingo na ABBR. Os domingos naquela clínica eram sempre serenos e enfadonhos. Um dia desses, após o almoço, fui direto descansar no terraço ao lado da amiga Celi. Ficamos conversando por um bom tempo, quando de repente comecei a passar mal, com uma crise convulsiva. Não pude falar no momento, mas estava consciente de tudo que se passava ao lado. A descarga no cérebro fazia com que meu braço se contraísse todo. Celi, sem nunca ter visto aquela cena, tentava me acalmar dizendo: "Calma, Pernambuco, respire fundo que vai passar. Por favor, respire!..." Depois do desconforto, senti o meu braço esquerdo desfalecido. A descarga foi imensa, e os enfermeiros me aplicaram uma injeção, e em seguida me levaram para o quarto para eu descansar.

Após duas horas descansando, entra no meu quarto um enfermeiro, com um bilhete de Celi na mão, dizendo que era para mim. Dizia mais ou menos assim: "Pernambuco, muito obrigada por você existir. A partir daquele seu momento de agonia, pude perceber que não sou a última das mulheres, e que meu caso não é o pior do mundo. Obrigada, mais uma vez, por ter-me possibilitado conhecer um pouco mais da vida. Ass: Celi". De repente, sem nenhum esforço, eu me via ajudando as pessoas de alguma maneira. Isso contribuía para o meu prazer pessoal, mesmo não sabendo ao certo, naquele exato momento, o real significado dessas coisas na vida das pessoas, vindo a compreender muito tempo depois. Ajudar as pessoas deveria ser matéria básica em todas as salas de aula. Eu ia levando minha vida assim, fazendo exercícios e ajudando ao próximo. Há um pensamento que guardo comigo até hoje, que diz assim: "Entre os homens só e desesperados surgem facilmente as mais elevadas formas de lealdade e solidariedade humanas". (Che Guevara)

Os dias iam passando rápidos, e eu já estava treinando marcha no ginásio, sob os olhares e a orientação da fisioterapeuta Gilda. Andava me apoiando num corrimão da passarela, tendo à frente um espelho para eu poder corrigir minha postura. Depois de quinze minutos, eu passava a caminhar lentamente, empurrando uma cadeira de rodas com uma pessoa sentada, para me segurar. Assim eu ia lá embaixo do corredor e voltava, e meu corpo a essa altura era todo suor devido ao enorme esforço feito por mim. E assim lá ia eu nas minhas trôpegas caminhadas de fim de tarde.

Confesso que não me sentia bem com aquilo, por entender ser esses exercícios pura perda de tempo. Desse modo foi muito fácil para mim admitir que teria de me contentar em ficar para sempre dependente de uma cadeira de rodas. Numa reunião de equipe, todos os profissionais envolvidos no meu tratamento foram unânimes em afirmar que, daquela data em diante, eu teria de ser preparado para enfrentar "as atividades da vida diária" - AVD. A partir dali estava nascendo uma nova pessoa: eu deixara de lado o sonho acalentado há tempo de voltar a andar para aceitar e me preparar para trafegar minha imobilidade, para sempre, numa cadeira de rodas.

As pessoas fogem da cadeira de rodas do mesmo modo como fogem do amor. A cadeira assusta a muita gente e o amor também. Mas a cadeira está ali para auxiliar, para ajudar às pessoas a se libertarem e fazê-las mais felizes. Sim, isso é perfeitamente possível. Por isso é que o exercício do amor é a manifestação mais contundente de nossas idéias a respeito do mundo, dos nossos valores. O que tem a ver uma cadeira com o amor? Ambos são contundentes. Ambos assustam e causam arrepios. Dizer para a pessoa amada "eu te amo" não é para qualquer um não. E é por essas e outras que eu e a minha cadeira somos uma única coisa. Já não posso prescindir dela, nunca mais. Sou um paraplégico confesso, mas abomino a paraplegia por parecer algo estagnado, e não pode nem deve ser assim. Eu sobrevivo a tudo isso porque amo!

Eu continuava a fazer os meus exercícios normalmente, reforçando apenas o AVD, comandado pela terapeuta ocupacional de nome Lúcia Maria, uma amiga que só queria me ver cada vez mais independente. Passei a treinar passar da cadeira para a cama e vice-versa. Sobre a cama eu me desdobrava para tirar e pôr as roupas, fato que me fazia suar em demasia. Depois íamos até o pátio da clínica, onde estava estacionado o seu carro, e lá iniciávamos um treinamento de entrar e sair do veículo. E assim ia aprendendo a me virar sozinho, ou minimizando aquela dependência que era visível em minha vida. Sempre fiquei devendo uma atuação regular, e essa dependência carregou comigo até hoje.

Depois de adulto eu me via fazendo coisas de criança: engatinhava no tatame, ficava de joelhos tentando readquirir meu equilíbrio, vivia fazendo malabarismos para tentar trocar uma roupa, tudo isso com a certeza de que jamais alcançaria o ideal de voltar a ser o mesmo. Enquanto isso, as crianças davam de dez a zero em mim. Muitas vezes me desesperei e me senti ridículo. Eu precisava rapidamente me situar e aprender a ser humilde, o suficiente para entender que não poderia ser mais a mesma pessoa, e que teria de me agarrar com unhas e dentes aos atalhos dos caminhos da minha vida.

Não fosse esse sofrimento o bastante, todos os dias eu me submetia ao tratamento de relaxamento dos adutores da coxa, à base de gelo seco. Depois de vinte minutos assim, a fisioterapeuta subia à mesa e, apoiando-se em meus joelhos, forçava com toda força, tentando abrir ao máximo as pernas. A dor que eu sentia era tanta que cheguei a pedir para morrer, em meio aos gritos que ecoavam por todo ambiente. Quando eu ia me retirando do ginásio, do setor do STI, ouvia os funcionários falando baixinho entre si: "lá vai "Pernambuco", amanhã ele volta para sofrer novamente". Assim é a vida de quem perde a saúde.

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1977. Neste dia eu completei trinta anos de idade. Logo cedo recebi o telefonema do meu pai, desejando-me muitas felicidades, e dizia das recomendações de minha mãe e de todos da família. Nunca fui de fazer festas nem gostava de datas. Eu não falara a ninguém dessa data e assim me achava tranquilo. Já no corredor, dei de cara com o sorriso aberto de Rosa, e por instantes pensei que ela sabia de tudo, mas não passava de seu sorriso natural. Sentia por ela um amor enorme e sempre lhe dispensei um carinho muito especial. Meu sentimento por ela era percebido por todos que nos conheciam. Ela, no íntimo, sabia de tudo, e retribuía meu carinho com sua amizade e muitas gentilezas. Saíamos juntos para tudo que era lugar: teatro, cinema, Maracanã, restaurantes, Parque da Cidade, etc. Tínhamos uma sintonia tão perfeita que adivinhávamos o pensamento um do outro. No seu aniversário eu lhe dei uma blusa e um forte abraço. "Será que ela sabia a data do meu? E as outras amigas, estariam me preparando uma surpresa?"

O dia corria normalmente e eu fazia as coisas de sempre. Às cinco da tarde, todos se preparavam para o fim do expediente e eu já estava sozinho no meu quarto. De repente, comecei a ouvir vozes de muita gente junta, todas ensaiando o tradicional "parabéns". Logo a turma estava dentro do quarto e muita gente nem conseguiu entrar. Elas me abraçaram, uma a uma, depois passaram às minhas mãos um cartão subscrito por todo o grupo e uma camisa como lembrança. Foi muito bonita aquela demonstração de carinho comigo. De repente, eis que entra no quarto o meu irmão caçula, o saudoso José Ângelo, a tirar fotos dos amigos, de vários ângulos. A bagunça estava formada e eu não tinha controle sobre ninguém. Estava cheio de dedos e minha timidez se acentuara. Rosa trouxe-me um pudim de sua casa e à noite servi aos amigos mais próximos. Trinta anos é uma idade muito forte, incrível. Fundamental para fazermos reflexões e reformular valores. Jamais esquecerei aquele dia.

Na primeira semana de setembro de 1977, dera entrada na clínica um jovem no frescor de seus 22 anos. Ficara internado num quarto particular, no terceiro andar. Soubemos que fora vítima de um tiro de arma de fogo quando namorava na Lagoa Rodrigo de Freitas. A bala se alojou na coluna e ele ficou paraplégico. Essa era uma cena bastante comum ali. Certo dia, ao encontrá-lo, fiz-lhe o convite para aparecer no clube. Lá conheceria pessoas na mesma situação dele, além das diversas atividades sócio-culturais oferecidas aos sócios e simpatizantes. Seu nome era Lindolfo Arraes, vindo a ser parente do ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar.

Tornamo-nos amigos, quando certo dia fui convidado por ele e seus familiares para passar um fim-de-semana no sítio de seu avô, em Jacarepaguá. Fui a primeira vez e confesso que gostei de tudo e de todos. Já no sábado, tentaram me jogar na piscina, mas ponderei que não fizessem aquilo e fui atendido. Passamos bons momentos degustando um bom churrasco, feito com maestria pelo seu pai, o médico Jarbas Veríssimo, um excelente anfitrião, além de muito divertido. Aquele recanto era um ótimo lugar para recarregar as baterias, descansar, ouvir músicas, ler, e desfrutar da alegria e do carinho de sua irmã, a doce Elzita. Passávamos às tardes conversando debaixo das fruteiras, nos deliciando com as belezas da natureza do lugar.

Onde antes era uma garagem, Lindolfo tinha um quarto adaptado só para ele, e foi lá onde me hospedei. Mas no domingo, quando o relógio batia cinco horas, aproveitávamos o cair da tarde para voltarmos à ABBR. Ao me despedir de Elzita, sempre ouvia dela um "até sábado, para semana tem mais!" Claro que aquela sugestão era de pronto atendida por mim, com o maior prazer. E assim eu ia me familiarizando com todos daquela simpática família, e na semana seguinte a certeza de mais um fim-de-semana prazeroso para nós, diferenciando um pouco da rotina meio crua da clínica. Após nos despedirmos deles, Lindolfo e eu íamos direto ao refeitório, comer alguma coisa e tomar um cafezinho. Aquela era a hora em que os amigos vinham chegando de suas casas e logo começavam a nos contar as novidades.

Fim de setembro de 1977 e o mandato da diretoria do CLAM terminando. Como já era tradição, o presidente daquele clube estava pronto para passar os cargos e suas atribuições a uma nova diretoria, numa simples e anacrônica reunião. Pensei bem e resolvi em cima da hora modificar os estatutos e preparar o clube para sua primeira eleição direta, através do voto livre e secreto. Teriam direito a voto todos os pacientes, internos e externos, além do corpo de funcionários. Queria pôr sangue novo ali, oxigenar o ambiente, tornando-o mais participativo e democrático.

Tomadas as primeiras providências, parti para uma campanha tentando me eleger presidente. Formei uma chapa e comecei a pedir votos em todo lugar. Aquela minha idéia já tinha conseguido respostas favoráveis por parte de todos e durante dois dias foi o assunto dominante em vários setores. Dessa forma eu já havia conseguido o meu objetivo, antes mesmo da realização das eleições. De repente surgiu uma chapa de oposição, e uma outra com o nome "Pernambuco", tentando subdividir forças e confundir os eleitores. Eu era muito querido por muita gente, mas devo confessar que encontrava resistências por parte de alguns pacientes antigos, acostumados a mandar e desmandar ali. Era natural que fosse assim, caso contrário não seria necessário mudar nada.

O dia das eleições chegou. As eleições começaram às 9h00 só terminando às 17h00. Foi grande o movimento durante todo transcorrer do dia e aquela festa jamais será esquecida por aqueles que participaram. Havia apenas uma urna e ao lado a lista com as assinaturas. Após o encerramento, era grande o número de pessoas esperando o resultado. Contados todos os votos, a nossa chapa recebeu 108 votos contra 28 da oposição e só 8 da chapa fantasma. Foi uma vitória folgada e comemoramos à base de refrigerantes e cafezinho. Creio que a vitória foi de todos e a democracia saiu fortalecida dessa vez.

Em pleno mês de outubro de 1977, minha amigas e futuras fisioterapeutas só falavam e respiravam formatura. Mas o destino se preparava para me pregar mais uma peça, ampliando minha angústia e o sofrimento. É que de repente sinto que a placa de acrílico, que eu havia colocado na minha recente cirurgia, pareceu estar cedendo, pois da cabeça minava um líquido sem parar. Por vários dias seguidos os enfermeiros fizeram curativos, sem que o ferimento cicatrizasse. Alguns médicos, meus amigos, chegaram a sugerir a vinda de neurocirurgia para avaliar melhor, com mais profundidade. Recorri às minhas amigas e todas caíram em campo buscando uma providência. Foi assim que descobriram um médico no hospital de Ipanema. No dia marcado, o tal médico chegou. Eu estava em companhia de Vânia e Dalila, todos dentro de meu quarto. Após fazer o exame de fundo de olho, ele foi rápido e objetivo e me falou assim: "você tem um quadro de rejeição e precisa ser internado rapidamente para se submeter a uma cirurgia".

Eu não esperava aquilo e comecei a chorar diante de todos. As amigas me acalmaram e disseram que iriam providenciar tudo para mim. Agradei pelo conforto e desabafei: "logo agora, em plena época de suas formaturas, acontece isso comigo". Elas disseram: "calma, Pernambuco, sua saúde está em primeiro plano, coragem!". Na semana seguinte, todas estavam se empenhando visando minha internação, o que terminou ocorrendo. Logo eu estava hospitalizado no 5º andar do Hospital de Ipanema, aptº 512. Ficava junto a seu Silvio, um senhor já cego vítima de um tumor cancerígeno na cabeça, estando em fase terminal. Rosa e Márcia moravam perto dali, indo quase todas as noites me visitar. Minha cama ficava próxima à varanda do quarto. Em que pese todo meu sofrimento, ainda encontrava tempo para me alegrar, observando, na janela do apartamento ao lado, uma mulher que às vezes ficava seminua, andando de um lado para outro sem a blusa. Talvez fosse o imenso calor!...

Fazia um bom tempo em que eu estava internado e nada da cirurgia acontecer. Já começava a engordar uns quilinhos devido a vida sedentária, ajudada por seis refeições diárias. Como se comia naquele hospital, impossível não engordar assim! Um dia conheci a família de Silvio. A filha e o genro dele vieram até o meu leito e começamos a conversar. O genro me falou que era piloto de helicóptero e se divertia me contando suas peripécias. Quando seu Sílvio e eu ficávamos a sós, ele costumava me fazer várias perguntas, em meio à agonia de quem não mais enxergava. Tentando amenizar eu brincava dizendo que ia comer um pouco de sua refeição e isso o deixava maluco, pedindo que não fizesse isso por nada. "Claro, senhor Silvio, fique tranqüilo" - dizia-lhe eu. Lúcia era uma das várias nutricionistas do Hospital de Ipanema, por sinal noiva de uma amigo meu, Wilton Plum Lobato, médico residente da clínica de reabilitação ABBR. Devido a esse conhecimento, Lúcia me fartava de comida todos os dias, chegando a ponto de deixar comigo um cardápio para a minha livre escolha. Essa mordomia eu consegui através de simples amizades. Nisso, as minhas amigas já estavam prestes a se formar, quando de repente invadem o quarto várias delas, tentando falar comigo, todas de uma só vez. O companheiro ao lado só fazia dizer: "Que coisa boa... como é bom ser querido e ter amigos..." Ele estava coberto de razão! O que seria de mim sem a presença daqueles anjos ao meu redor? Confesso que seria muito difícil para mim, principalmente por se tratar de uma cidade grande, onde eu não conhecia ninguém, viver em meio a sérias limitações de ordem física.

Mas um dia eu fui operado, e o doutor Adolfo de Carvalho foi o médico responsável pela cirurgia. Logo estava eu retornando à ABBR e tratei de recomeçar os tratamentos. Mas o fim do ano chegara e Lindolfo convidou-me para romper o ano no apartamento de seus familiares, situado na Av. Atlântica - na praia do Leme. A mesa estava farta, contendo comida e bebidas suficientes para alimentar o dobro de pessoas que lá se encontravam. O clima era festivo e de muita expectativa pela chegada de mais um ano. Lá, da janela de seu apartamento, no 11º andar, eu via a multidão a se comprimir, ao longo de toda extensão daquela avenida, indo do Leme à Copacabana, num espetáculo lindo de fogos e de cores.

Fevereiro de 1978. Eu estava indo em direção ao refeitório, quando de repente me vi forçado a parar a cadeira de rodas. Alguém segurava a cadeira, pondo sua mão nos meus olhos, a perguntar quem era ela. Como estava meio difícil para eu adivinhar, ela usou o artifício de me beijar a boca levemente, e logo arrisquei de pronto: "claro que é você, Nádia..." A partir daí ela ria muito, e logo começou a empurrar a minha cadeira até o refeitório, onde passamos a conversar. Aquela moça cansou das vezes em que brincava comigo, daí tamanha amizade e liberdade juntas. Ela estava ali em busca de alguns recibos seus, para efeito de dedução no imposto de renda. Dizia estar com saudade minha e logo me intimou dizendo-me: "Prepara-se para conhecer a minha casa na praia no próximo domingo. Esteja pronto às 9h00, à noite eu devolvo você."

Eu não tinha outra coisa a fazer senão aceitar. Falei para Lindolfo que naquele sábado eu não poderia ir à sua casa e fiquei aguardando o domingo chegar. O domingo chegara e já dentro do carro eu percebia Nádia dirigindo com cuidado e atenção. Demonstrava também alegria por estarmos juntos em mais um daqueles encontros. A praia tinha um cheiro forte de maresia e o ar era carregado de salitre. Procurei saber dela se não iria aparecer ninguém por lá, no que me afirmou negativamente. Depois me mostrou um álbum de fotografias, só com fotos suas, cada uma mais linda que outra. Tenho uma foto dela comigo até hoje. Como era bonita aquela moça... e eu por instantes a tinha em meus braços.

E logo viriam os amassos, os beijos apaixonados, tudo isso sob um silêncio cúmplice. Almoçamos lasanha e comemos algumas frutas. A tarde inteira passamos juntos e conseguimos até dormir um pouco. A janela aberta deixava entrar um vento gostoso e nos amamos sem nenhuma pressa, cedendo aos nossos desejos. Ao me deixar na clínica, ela e eu trocamos um beijo de despedida. Ela logo se foi, silenciosamente...

Os dias passavam rápidos e o entra e sai de pacientes na ABBR era um fato corriqueiro. Eu retomava o meu tratamento e Rosa fora contrada desde o início do ano. Nossa amizade cada vez mais se fortalecia. Todas as manhãs eu ia à sala de eletroterapia, onde ela era a responsável pelo setor, só para saudá-la e sorver o seu sorriso largo mais de perto. Sou uma pessoa sensível, amorosa e fácil de me apaixonar por alguém. Rosa era o tipo de pessoa que granjeava muitos amigos e qualquer homem gostaria de tê-la como esposa. Com sua voz mansa, muitas vezes me pedia opinião sobre várias coisas. Ela agia assim: gostava de me ver me sentindo bem e sendo útil. Ela fazia as coisas de modo que eu me sentisse importante, influenciando de alguma maneira em sua vida. Pessoa de alma nobre e coração de ouro.

Dentre os vários passeios que dera comigo, lembro-me da vez que fomos ao teatro assistir Elis Regina, no show "Transversal do Tempo". Enquanto ela se dirigia para estacionar o carro, fiquei na calçada em frente ao teatro. De repente um homem simples, aparentando estar embriagado, passou por mim deixando cinco cruzeiros no meu colo... Tentei chamá-lo, e agradecendo falei para ele que eu não precisava daquilo, que podia levar o seu dinheiro de volta. Mas ele ficou indiferente ao meu pedido, e diante de sua teimosia me vi forçado a guardá-lo. Certamente ali estávamos diante de uma alma boa, de alguém sofrido e solidário que se escondia por trás dos trajes chaplinianos.

Lá dentro estava tudo escuro. Víamos só um foco de luz dirigido sobre o corpo agachado de Elis, que dava início ao show, a cantar a música "Fascinação". Um momento ímpar na carreira dessa cantora que morreu tão nova. Tudo por causa da maldita droga, que tem infelicitado a vida de milhares de pessoas. Na semana seguinte estávamos novamente, Rosa e eu, diante do Teatro Ipanema para assistirmos ao show de Caetano Veloso. Guardo até hoje na memória um trecho da música "Força Estranha, que diz assim: "Eu vi o menino correndo, eu vi o tempo... / Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei.. / O sol que atravessa essa estrada que eu nunca passei..." Um show maravilhoso, lindo, que eu trago na lembrança até os dias atuais. Obrigado, minha amiga Rosa! Muito obrigado pela boa companhia.

Na ABBR era assim, não havia rotina. Lá dentro era tudo movimento, a vida pulsava naquele lugar. Parece um paradoxo: justo naquela clínica, onde tantas pessoas cuidavam de suas imobilidades, havia por parte de todos um esforço enorme para que o dia-a-dia nosso transcorresse de forma produtiva, onde os exercícios pudessem andar aliados a inúmeras tarefas, tornando a nossa estada ali em algo não só proveitoso, como também prazeroso.

Certo dia eu conhecera uma moça de nome Eliane, pessoa fantástica e de uma riqueza interior imensurável. Aos poucos a nossa amizade foi se transformando e dera lugar a outro tipo sentimento, o amor. Mal começamos a namorar e ela já elaborava alguns planos para um dia se mudar de Porto Alegre para, ao meu lado, fixarmos residência no Rio de Janeiro. Tudo estava acontecendo muito rápido e eu tinha receios de toda aquela empolgação redundar em nada. Com Eliane aprendi uma coisa para sempre: quando a gente sentir que ama uma pessoa, não devemos demorar em declarar esse amor por nada desse mundo, mesmo podendo amargar o dissabor de não ser correspondido. Nada de medos. Quem ama de fato não espera nada em troca. Há que se arriscar todos os dias, se todos os dias encontrarmos alguém amável. Foi assim que um dia eu amei Eliane e tenho certeza de ter sido amado por ela também.

Mas já estava chegando o dia de seu retorno ao RS e o nosso namoro seguia indiferente a tudo isso. A cada dia eu descobria novos atributos em sua maneira de ser, isso fazia crescer minha admiração por ela. No dia que antecedeu à sua viagem, ficamos a namorar até às 3h00 horas da madrugada. Ali mesmo nos despedimos, quando a vi partir rápido sem querer olhar para trás. O engraçado na minha vida era o fato de eu ter sido uma pessoa de muitos amores, de ter vivido muitas paixões, mas não sei porque tudo passava rápido demais, e quando menos eu esperava estava abraçado a mais uma despedida... Tudo levava a crer que o meu sonho de ter comigo uma companheira, de constituir família e de ter filhos, começava a sinalizar para o inatingível.

Novembro de 1978. Eu resolvi antecipar a minha volta ao Recife. Fiz disso um segredo para (quase) todos, pois não estava disposto a amargar mais uma despedida. Apenas Rosa sabia. Quando a vi, marcamos para sair à noite. Eu estava disposto a lhe dizer que sempre a amei muito. Precisava dizer-lhe desse meu sentimento, custasse o que fosse. Por não ter tido a devida coragem para confessar-lhe, esse sentimento vivia preso ao meu peito, chegando a me incomodar. Sei, porém, que seria comentar o óbvio. Qual a mulher que não percebe o interesse de um homem por ela, principalmente quando os olhos dele falam?

A noite chegou, trazendo Rosa consigo. Entramos no carro e fomos direto ao posto nº 6, na praia de Copacabana. As luzes clareavam boa parte da praia, e eu firmei o olhar nas escumas brancas, trazidas pelas calmas ondas do mar. Por um instante cheguei a sentir medo do silêncio de nós dois. Aquela certeza que eu tinha, de declarar o meu amor a ela, corria sério perigo de não mais acontecer. Criei coragem e falei: "Que céu lindo! Essa noite morna deve estar servindo de inspiração para muita gente." Ela, calada estava, calada ficou. Fui em frente: "Rosa, eu necessito lhe dizer que nutro um imenso amor por você. Tudo começou desde o primeiro dia em que a vi no ginásio. Você era ainda uma formanda, mas não posso esquecer o seu olhar de alegria e toda ternura que você me dispensava. Para ser mais objetivo, saiba que por trás de todo o carinho que sempre lhe dediquei, havia um homem apaixonado. Peço-lhe até desculpas pelas inúmeras vezes que a sufoquei com meus carinhos e tantas recomendações."

Ditas todas essas coisas, calei. Rosa continuou calada por um bom tempo, quando de repente resolveu sair daquele lugar, seguindo sem rumo certo. Então ela me disse: "Pernambuco, eu sempre lhe dediquei o melhor de mim. Tanto é verdade que eu evitava sempre cuidar de você no Setor de Tratamento Individual (STI). Você sempre foi e continuará sendo especial para mim, mas hoje tenho a certeza que não passará disso." E, virando-se para mim, voltou a falar: "Eu lhe peço que não mude o seu jeito de ser: seja autêntico o tempo todo e você será ainda muito feliz!" Depois seguimos rumo em direção à ABBR, em total e completo silêncio. Ao chegar eu me sentia leve e satisfeito com tudo que falara e ouvira naquela noite. Ainda ouvi quando me falou que estava louca para que o dia de minha viagem chegasse... (?)

Dia da viagem. Eu não me despedi de ninguém, à exceção do enfermeiro Natanael e da servente Lúcia - essa grande mulher e amiga que tanto bem me fez e muito me ajudou. Soube posteriormente que ela havia pedido demissão da ABBR, por discordar dos métodos lá empregados, e não mais contar com a minha presença amiga, pessoa que sempre estivera ao seu lado e muito a ajudara - palavras dela. Ao tomar conhecimento desse detalhe, através de carta de uma amiga, é claro que não me contive e cheguei às lágrimas. Por essas e outras é que tenho certeza que deixei uma família no Rio de Janeiro. Isso toca fundo em minh'alma. Por esse motivo passei a ser uma pessoa dividida. Talvez eu tivesse de ser escolhido a passar o resto de minha vida abraçado à saudade.

Mas chega o dia da viagem e tratei de rumar direto para o Aeroporto do Galeão. Não foi surpresa para mim ter encontrado a amiga Rosa, à minha espera. Ficamos a conversar por uma meia hora e logo nos despedimos. A viagem transcorreu normalmente e agora eu já estava no Recife. Minha família estava toda à minha espera. Visualizei a minha mãe e o meu pai; Germano e Isis; Tininho e Niedja; José Ângelo e Grace; e as irmãs Augusta, Fátima e Celina. Além deles o tio Lídio e o primo Marcelo. Eu estava reencontrando os meus familiares depois de longos anos, e era muito bom isso. Mas, uma saudade maior que o meu peito tomara conta de mim. Saudade dos amigos que ficara para trás e que tentava empanar o brilho daquele reencontro.

Eu estava mais uma vez recomençando e precisava afastar a saudade para o lado e enfrentar a dureza do dia-a-dia. Aquele meu reencontro com a família era um momento importante, mas infelizmente fugaz. Saudade... Eu diversas vezes provei o amargo dessa fruta. Não recomendo para ninguém, mas sei que é tremendamente necessário prová-la. Só assim poderemos valorizar o essencial quando nos afastamos por inteiro do acidental.

O ano de 1979 corria muito rápido e eu começava a sentir o peso da ociosidade. Certa noite tive uma discussão com meu irmão Germano, coisa à toa, mas o suficiente para me deixar chateado. Pedi ao amigo André para me levar à casa do escritor e militante comunista Paulo Cavalcanti. Ao chegar lá fui bem recebido, como sempre. Conversamos um bom tempo e após receber dele uns cinco livros emprestados, retornei à minha casa. Após a leitura eu ia lá novamente para ser abastecido por uma outra leva. Assim aconteceu por muito tempo. Eu comecei a me politizar aos poucos e passei a me interessar por política. Sem me dar conta, aos poucos fui me tornando uma pessoa formadora de opinião. Não sei até que ponto isso é ruim ou não, não sei. Passei a ler livros muito mais, jornais, revistas; não perdia de escutar as rádios, ver jornais e debates na TV. Dentro de um ano já me considerava uma pessoa relativamente bem informada e muito preocupada com as questões sociais do País.

Mas a realidade brasileira me fez uma pessoa cética, amarga e cheguei a pensar que já sabia de tudo. O Luiz de outrora morrera e passei a trilhar por um caminho que entendera ser o mais correto. Deus simplesmente não existia para mim e as religiões eram o ópio do povo. Ser agnóstico seria a melhor maneira de me identificar com os intelectuais de esquerda. Os ideais de Che Guevara passariam a ser os meus. E assim os meus dias iam passando. Assim eu passava os meus dias. Quando em 1980 eu conheci uma moça muito interessante e passamos a namorar. Ciçone era o seu nome. Namoramos e chegamos a nos apaixonar, mas o empecilho maior era o fato de eu não estar a trabalhar, nem ter nenhum tipo de renda para sobreviver. A promessa de um emprego viria do Rio de Janeiro, enquanto no Recife os caminhos estavam fechados para mim.

A família de Ciçone era abastada, tendo alguns parentes usineiros e muitos empresários do ramo da construção. Ela tentava de tudo para me colocar numa dessas empresas, mas tamanho esforço não obtivera êxito. Mesmo assim namoramos por mais de um ano. Lembro-me dela vindo todos os domingos à minha casa, sempre trazendo consigo um ramo com flores para dar à minha mãe. Um dia ouvi do seu irmão a seguinte promessa: "se vocês se casarem um dia, eu lhes presenteio com uma casa em Piedade." Mas o tempo passou e hoje só nos resta a lembrança.

Outubro de 1980, acontecia no Recife um Congresso de Fisioterapia e as amigas Rosa e Dalila vieram do Rio de Janeiro para dele participar. Durante uma semana inteira tivemos a chance de ficar juntos e passear em vários lugares. Rosa continuava linda, mas não pude concordar com o seu cabelo cortado bem baixinho. Dalila continuava a mesma de sempre, uma casa cheia e não parava de contar suas infindáveis aventuras. Resolvi levá-las para conhecer a Ilha de Itamaracá. Ambas ficaram encantadas com os inúmeros coqueiros que encontraram lá. Almoçamos uma deliciosa peixada e posso garantir que jamais esquecerão. Foi uma semana muito divertida, além de aproveitarmos o tempo para colocar os assuntos em dia.

À noite íamos sempre jantar no restaurante O Veleiro, bem à beira-mar na praia de Boa Viagem. Eu ficava olhando para Rosa, lembrando-me das coisas que falávamos um para o outro. O amor que eu sentia por ela não havia diminuído em mim, podendo ter mudado a maneira de senti-lo. Às vezes eu nutria um desejo grande de abraçá-la, para depois beijá-la até perder o fôlego... Ela continuava a mesma: a voz mansa, a pele macia, e os seus lábios carnudos eram um convite a um demorado beijo... Ah, se ela soubesse de sua importância em minha vida, quem sabe não seria bem diferente a nossa relação.

Mas aproximava-se mais uma daquelas dolorosas despedidas e o caminho do Aeroporto nos aguardava. Lembro-me de ter entrado no carro, quando de repente uma profunda tristeza se instalara em meu peito, e logo a saudade se apoderou de mim. Claro que eu não pude conter o choro. Eu chorei copiosamente durante todo o transcurso, da nossa casa até chegar ao Aeroporto. Fiz um esforço enorme para conter o vexame, mas foi em vão. Enquanto andávamos, eu notei um silêncio imenso tomar conta de todos. Ninguém falava nem olhava para ninguém. Quando chegamos, nos despedimos ali mesmo, dentro do carro. Rosa ainda ajoelhou-se ao meu lado e em silêncio nos tocamos e nos despedimos, minutos antes delas embarcarem para o Rio de Janeiro.

Janeiro de 1983. Eu recebia em minha casa uma visita muito importante. Com trajes simples e andar manso, aquele homem chegou perto de mim, apertou a minha mão e deu-me um abraço. Nada mais nada menos que o legendário Gregório Bezerra. Um líder comunista, reconhecido em todo mundo, e respeitado pelos seus mais ferrenhos adversários. Ele estava pertinho de mim a contar suas histórias e a tirar as minhas dúvidas. O seu cabelo branco era um indicador de uma idade já avançada. Aos 83 anos, tinha Gregório a idade do século. Eu o escutei por pouco mais de uma hora, tempo suficiente para saber dele muitas coisas que marcaram a sua vida. Logo depois a minha prima Eva segurou a sua mão e o levou de volta à sua casa.

Eu fiquei satisfeito com aquele encontro e isso só aumentava a minha esperança de viabilizar o socialismo no Brasil. Nós vivemos num País recheado de injustiças de toda ordem, onde as elites dominantes são, reconhecidamente, as mais cruéis do planeta. Elas não se bastam com a grana e o poder de que dispõem e querem sempre cada vez mais e mais, ignorando por completo o enorme caos social por elas estabelecido. Do outro lado da verdade, estão os excluídos da sociedade, um batalhão imenso de desesperados que cresce à medida em que a renda diminui e o desemprego cresce no seio da população. Na minha ingenuidade, imaginei que eu precisava fazer alguma coisa o mais rápido possível e entendia que só era viável através da política.

Eu passava horas e horas lendo, ouvindo debates nas rádios e nas TVs, ao mesmo tempo em que começava a escrever às redações dos jornais, a denunciar aquilo que eu entendia como sendo errado, traduzindo toda a minha indignação. Eu respirava política e informação vinte e quatro horas ao dia e não me cansava disso. Lembro-me que em abril de 1984, quase toda a sociedade se mobilizou no sentido de implementar a volta das eleições diretas para Presidente da República. Um grande movimento se espalhou pelo Brasil, conhecido por "Diretas Já!" O País estava completando vinte anos do regime de exceção, com a vigência a partir de 1964 da ditadura militar. O governo já emitia sinais de desgastes e boa parte dos mandantes era a favor do movimento. Chegou o dia da "Emenda Dante de Oliveira" ser votada pelos parlamentares, que propunha a volta das eleições livres e diretas. No dia 25 de abril de 1984, todo o País estava voltado as suas atenções para o Congresso Nacional. Fora proibido o acesso da imprensa ao plenário, onde deveria transmitir aquela sessão especial. A votação ocorreu na surdina, digna dos regimes totalitários, e a "Emenda Dante de Oliveira" foi derrotada. A comoção tomou conta do País com o adiamento da democracia e a volta do País ao Estado de Direito.

Março de 1985. Tancredo Neves ganhava a chance de se tornar o último presidente eleito pelo voto indireto, batendo Paulo Maluf pelo voto indireto dos congressistas. Tancredo afirmara que o seu mandato duraria apenas quatro anos, sendo o próximo presidente eleito pelo voto secreto e direto da população. A festa estava toda programada, tudo organizado para o dia de sua posse, quando a imprensa noticiou o seu internamento no Hospital de Base de Brasília para se submeter a uma cirurgia de emergência. Não poderia ter pior notícia que esta, pegando a todos de surpresa. Definitivamente o povo brasileiro parecia então marcado pela má sorte. O destino fora cruel conosco e a diverticulite de Tancredo Neves viria causar um grande mal-estar na população, além de levantar inúmeras suspeitas. Logo uma série de polêmicas seria estabelecida nos meios de comunicação.

Em meio à grande confusão, José Sarney assumiria a presidência, vindo a comandar um Governo sem nenhum respaldo popular. O povo continuaria órfão e as primeiras medidas de impacto serviriam apenas para angariar a simpatia e o prestígio da população. Eu, diante desses acontecimentos, via aumentar a minha frustração e tratei logo de buscar novos caminhos para arejar a minha mente. A TV-Educativa do Rio de Janeiro, TV Universitária de Pernambuco, exibia em sua programação o "Boa-noite", sob o comando do pastor Jonas Resende. Era uma reflexão de cinco minutos apenas, indo ao ar de segunda à sexta, cujo objetivo serviria para elevar os valores nobres da humanidade, tendo como pano de fundo a crença inalienável na vida e, principalmente, em Deus, e no seu Filho Jesus. E sempre terminava nos desejando "um feliz amanhecer". Muito bem, resolvi escrever uma longa carta ao pastor Jonas Resende, declinando todo meu repúdio ao atual *status quo*, além de afirmar o meu ceticismo em relação a Deus. Após dois meses, sem que eu mais esperasse, o pastor Jonas me fez uma surpresa, através da TV-Universitária, ao me responder via carta aberta. Suas palavras me comoveram e me levaram às lágrimas. Uma homenagem linda, que tenho guardada em fita até hoje comigo. Essa seria a primeira de um série de correspondências que iríamos trocar, recebendo sempre dele uma palavra de conforto, de fé, de esperança e de estímulo a viver a vida.

No início de 1985, ocorreu no Recife um encontro entre pessoas portadoras de alguma deficiência. Desde cedo eu marquei presença, ouvindo cuidadosamente todos os pronunciamentos de pessoas engajadas nas questões que dizem respeito à problemática dos deficientes físicos. O dia transcorreria normalmente até que a noite chegou. Prestes a terminar o encontro, fui apresentado a Marise Barros, parapléica desde os nove anos e Presidenta do Centro Evangélico de Reabilitação e Tratamento Ocupacional (CERTO). Ela despertou a minha atenção por sua beleza e a convicção com que defendia os seus pontos de vista.

O encontro chegava ao seu final e eu já dava mostras de impaciência na tentativa de saber o seu endereço e telefone. Cheguei a falar para ela sobre o meu interesse em conhecê-la melhor, quis saber se tinha namorado e outras coisas mais. Tudo que eu falava logo ela rebatia, pondo sempre Deus acima de tudo. Eu só queria amá-la, mas ela só admitia amar a Jesus. Era eu querendo amar Marise e ela querendo amar só a Deus. Cheguei a dizer-lhe que pusesse o pés no chão e esquecesse um pouco as coisas lá do céu. Queria de todo jeito mudar o seu pensamento e a sua forma de ver o mundo, mas ela mostrava-se cada vez mais tranqüila e segura de sua fé.

Perdi a paciência e falei: "eu sou agnóstico, não será você que irá me mudar." Ela ouvira a tudo calada e desabafou: "Que Deus o perdoe e tenha misericórdia de ti." O encontro findou e fomos todos para as nossas casas. Eu não me dava por vencido e passei a lhe escrever. De vez em quando um telefonema para ouvir a sua voz... Ela respondia às minhas cartas sem esquecer de mencionar várias citações bíblicas. Eu nada entendia daquilo, e respondia pedindo-lhe para que ela caísse na realidade e deixasse de buscar o inatingível. Veja só que petulância a minha... Depois de um certo tempo percebi que a nossa correspondência estava sendo infrutífera, com nenhuma das partes chegando a atingir o seu objetivo. Demos uma parada, mas a amizade nossa continuou.

Chegara o ano de 1986 e com ele muita efervescência política. Certo dia telefonei para Mariana Arraes para falarmos sobre um programa de rádio, do qual ela era uma das coordenadoras. Minha intenção era a de formular algumas sugestões para o seu aproveitamento ou não. Um dia à noite ela veio ao meu encontro, chegando à minha casa onde conversamos por um bom tempo. Algumas sugestões foram acatadas, sendo uma delas (pelo menos) possível de ser logo executada. Antes dela ir embora, não podíamos deixar de comentar sobre a candidatura de seu pai ao Governo do Estado de Pernambuco. Votar em Miguel Arraes era o sonho de muita gente.

O fato é que mais mais adiante eu entrei na campanha política para valer. Juro que ninguém me segurava por nada. Participei de debates em grupo, de caminhadas e carreatas, além de montar um minicomitê em minha residência, onde havia um farto material de propaganda. Eu não fazia outra coisa a não ser trabalhar visando a eleição de Arraes. Mas faltando vinte dias para as eleições, eis que uma tragédia acontece na minha família. Um acidente automobilístico ceifara as vidas de meu irmão, sua mulher e suas duas filhas. José Ângelo, Grace, Flávia e Andrea morreram aos 31, 29, 5 e 2 anos, respectivamente. Todos novos, tendo ainda muita vida para ser vivida pela frente, só não ocorrendo devido à imprudência e à irresponsabilidade de um motorista de estrada que, dirigindo totalmente embriagado, jogou o seu caminhão sobre o automóvel de meu irmão, em plena contramão na BR-101 Norte, causando o acidente fatal.

A notícia causou um impacto tremendo a todos que os conheciam. É de se imaginar a imensa tristeza que se abateu sobre a nossa família. Eu perdi o interesse pelas eleições e o encanto pela vida, nada mais parecia ter sentido para mim. Tenho a certeza de que comecei a definir dentro de mim a partir do dia 26 de outubro de 1986. Doía-me ver a minha sobrinha Renata sozinha, a única sobrevivente do acidente, após ter-se submetido à uma intervenção cirúrgica de urgência para extrair um dos rins. Eu imaginava a dor dela de ver toda família morrer daquela forma e não me conformava de jeito nenhum. Quem causou esse terrível acidente ficou impune até hoje, fato este que só vem premiar àqueles causadores de graves infrações no trânsito. Maldita bebida essa, causadora de inúmeros desastres sem fim, tendo ceifado a vida de muita gente inocente pelas estradas desses brasis afora. Maldita impunidade esta que grassa em nossa sociedade!

O tempo passava rapidamente, mas eu continuava sob o impacto do acidente que enlutara a nossa família. A cada dia eu perdia a vontade de passear, o gosto de ler e de escrever, e a política já não me seduzia como antes. Os livros de Paulo Cavalcanti, as poesias de Neruda, os meus escritos e rascunhos, tudo estava guardado e trancado num gavetão. Eu desaprendera a vida. Faltavam-me estímulos e motivos para viver. O certo é que eu não podia deixar a chama da esperança, simplesmente, se apagar dentro de mim, já que a vontade de viver se fora aos poucos. Caso isso viesse a ocorrer, seria o mesmo que decretar a minha morte. Eu estava inteiramente dependente da esperança em algo novo que pudesse acontecer no meu caminhar.

Ao mesmo tempo eu pensava nos excluídos da sociedade, nos pobres e desvalidos do nosso País, fruto de um sistema insensível que macula o que há de bom nos seres humanos. Embora a minha dor fosse grande, mesmo assim não conseguia embotar a minha vontade de ajudar ao próximo, só não sabia qual o caminho que eu teria de seguir. A esperança não podia morrer e algo nada bom estaria prestes a me acontecer. Nesse meio tempo, aconteciam as eleições para Presidente da República do Brasil. Eu tomei uma posição radical, entendi que jamais votaria na minha vida. Eleições no nosso País não podem nem devem ser levadas a sério, pois mesmo antes de obtermos o resultado final, já ficamos sabedores dos vencedores. É um jogo de cartas marcadas, em que não há espaço sequer para as sutilezas no processo. Tudo é feito e conduzido às claras, embora não desconsiderem às caladas da noite. Todos sabem disso e nada fazem para sanear essa excrescência. O País precisaria urgentemente adotar o voto facultativo como solução para se pôr um fim no voto de cabestro. Seria pertinente eliminar o voto obrigatório já que este serve apenas a interesses meramente clientelistas. Basta de paternalismos, o brasileiro precisa deixar de ser tratado como cidadão de segunda categoria para poder exercer sua plena cidadania. Outro absurdo é o procedimento dos institutos de pesquisas, que na impossibilidade de adotarem uma conduta neutra, agem, sistematicamente, como indutores do voto. Uma simples pesquisa, em cima das eleições, induz o incauto eleito a transferir o seu voto para aquele candidato que estaria possivelmente à frente nas pesquisas. Certamente muitas pesquisas já modificaram o resultado final de várias eleições. Triste sina a nossa!

Finalmente me chegou a notícia daquele emprego no Rio de Janeiro, que eu tanto acalentei. No dia 20 de janeiro de 1992, eu estava participando novamente de mais uma despedida... Essa minha mãe é uma mulher fantástica! Pessoa de muita fibra e acostumada às adversidades da vida. É uma heroína, pessoa doce a qual devoto um amor imenso. No portão de nossa casa nos despedimos mais uma vez chorando, em total silêncio. Uma maneira de demonstrarmos o nosso respeito um pelo outro... Durante toda a viagem, não pude esquecer o seu semblante alegre, ao mesmo tempo triste, por demonstrar toda sua preocupação com as coisas que eu iria enfrentar mais adiante. Ao chegar na empresa, vi que estava reservado para mim um quarto todo adaptado às minhas necessidades. Era uma suite confortável e ampla e a atenção dos proprietários comigo eu logo reconheci, sendo agradecido por isso até hoje.

Eu passei logo a trabalhar no 1º andar do escritório, onde teria de me familiarizar com uma máquina chamada computador. Relutei a princípio e pedi às pessoas que me dessem uma máquina de escrever elétrica, que me daria por satisfeito. Mal sabia eu que essa ferramenta de trabalho estava com seus dias contados. Mas as pessoas trataram de me ajudar e assim eu fui conhecendo e aprendendo a lidar com ele. Durante as folgas, eu fazia de tudo para contatar as minhas velhas amizades, querendo a todo custo trazer um passado agradável àqueles dias atuais. Aí se dera a minha primeira e grande decepção. Na solidão de meu quarto, passei a telefonar para algumas pessoas, sendo Rosa a primeira delas. Ao saber de minha presença no Rio, ela foi logo me convidando para um jantar em sua residência. Eu não fui ao jantar, mas nos falávamos quase que diariamente, quando um dia eu soube que ela estava se mudando para Juiz de Fora. Rosa estava bem casada e já era mãe de três filhos.

O tempo passa para todos e cada um segue o seu caminho. Meio decepcionado, sentindo-me só, busquei contatar outras pessoas, mas praticamente todas estavam numa outra condição que não aquela de 14 anos atrás... Uma turma imensa de amigas, que eu havia conhecido um dia, simplesmente havia se dissipado, indo cada uma para um lado. Da tristeza à dor foi um passo. Eu estava inteiramente defasado, meio perdido diante de um outro Rio de Janeiro. Aquela cidade já não exercia nenhum fascínio sobre mim. Perdera o encanto e o perfume que antes existiam, simbolizados em cada amigo e amiga que foram importantes para mim e que eu amei um dia. Consciente disso tudo, tive de aceitar a dureza dessa triste realidade. Comecei a sentir saudade e sofrer de solidão. Aos sábados e domingos eu me contentava em apenas descansar, ouvir músicas e assistir aos medíocres programinhas de tevê. Os dias passavam e a minha tristeza ia se aprofundando, até que, no mês de maio de 1992, resolvi que teria de voltar imediatamente ao Recife.

Viver ali, naquelas condições, não fazia o menor sentido para ninguém, nem para mim.

o0o

Finalmente, de volta ao Recife, eu agora passaria a abraçar uma ociosidade nunca imaginada, muito menos sentida. Isso acarretaria em mim algumas enfermidades. Mal chegou janeiro de 1994, quando mergulhei de cabeça numa terrível depressão. Mais que isso, estava eu diante de um séria crise existencial. Fui rapidamente ao fundo do poço, ficando por lá um bom tempo. Psicólogos, psiquiatras, remédios e cuidados médicos passaram a fazer parte do meu cotidiano. Cansei de pedir a morte e cada pessoa à minha volta era uma inimiga em potencial. Eu cheguei a não ter a mínima idéia de tempo, tendo os dias e as noites se confundido em minha cabeça. Que tragédia era viver assim. O meu pai, já bastante adoentado nessa época, no dia 9 de junho de 1994 dava adeus à vida, e morria para esse mundo. Não pude sequer chorar a sua morte, tamanha era a minha dispersão. E os dias se seguiam sem que eu viesse a melhorar em nada.

Certo dia busquei a solução para o meu sofrer, tentando o suicídio. De uma só vez, ingeri muitos comprimidos antidepressivos. Comecei a sentir medo e meio covarde resolvi telefonar às minhas irmãs, que trataram de me levar a um hospital mais próximo. Passado o vexame, certo dia recebi a visita da prima Maria Celeste, médica que reside em Salvador. Após longa e proveitosa conversa, ela me receitou Florais de Bach, cuja medicação me fez bem por um bom tempo. Assim eu ia levando a minha vida, sem notar para o que realmente me acontecia. Foi então que uma outra prima passou a me visitar, dessa feita era Natália, e logo começamos a sair juntos. Ao seu lado, cansei de contemplar o mar, na praia de Boa Viagem. Ela se mostrava uma amante da boa poesia portuguesa e declamava versos de José Régio para que eu os ouvisse. Numa certa noite de luar, ela me chega em casa dizendo que estávamos matriculados num curso de pintura. As aulas aconteciam no Espaço Badida, nos Aflitos, à noite uma vez na semana, num espaço de tempo aproximado de três horas. Natália eu nos gostávamos muito e eu a tinha na conta de uma pessoa muito especial.

Eu, finalmente, começara a esboçar uma ligeira reação de melhora em meu quadro, quando, ao tentar me levantar da cama, senti uma dor insuportável na base da coluna. A partir desse dia, minha limitação aumentou e passei a ficar na cama por mais tempo, contrariando a minha vontade. Já em 1997, conheci um outro médico que passou a me medicar. Daí a ficar seu amigo foi um pulo. Dr. Salustiano Lins é o seu nome. Uma figura exemplar, um ser humano preocupado em ajudar ao próximo, que faz da medicina um meio de alcançar àqueles que carecem de ajuda. No mês de novembro eu ganhei uma Bíblia, com a seguinte dedicatória: "Querido irmão Luizinho. Este livro é o maior presente que podemos te dar. As palavras aqui escritas são eternas. Medite nelas e serás vitorioso. Que Deus te abençoe. Com todo amor, Lourdes, Jorge, Luccas e Isabella." Confesso que eu ainda não tinha despertado para a riqueza daquele livro.

Os dias iam se passando rapidamente, quando em março eu contratei os serviços de uma moça interessante, formanda em fisioterapia. Cristiane ficou indo à minha casa três vezes na semana e cada sessão de fisioterapia durava cerca de quarenta minutos. Nos acostumamos um com o outro rapidinho e o seu domínio sobre o meu corpo era impressionante. Com o passar dos dias firmamos uma amizade duradoura que vinga até os dias atuais. Cristiane tem uma plástica admirável e o seu rosto é de fato muito bonito. Não é a toa que era modelo, tendo trabalhado diversas vezes em muitos eventos dos mais variados. Por diversas vezes falei para ela o quanto que eu a admirava, o quanto que eu a achava bonita. Ela sorria, sem ligar muito para os meus rompantes. O que aquela moça não sabia era que um dia seria a responsável pela recuperação de minha auto-estima. Não sabia que aos poucos me devolvia a vontade de viver, a vontade de seguir lutando. Ela era a própria esperança em pessoa, aquela centelha viva que mora em cada um de nós e que nos impulsiona para a vida. Sua mocidade e a sua vontade de viver contagiavam a todos que lhe arroteavam.

Uma amiga, na tentativa de me ajudar, passou às minhas mãos o número do telefone de um amigo seu, que ficara tetraplégico num acidente de moto. Resolvi então ligar para ele e como não percebi nenhum interesse seu em conversar comigo, arrisquei e perguntei se ele conhecia Marize Barros e se podia me dar o seu telefone. Ele não a conhecia, mas passou-me o número do telefone de um professor de nome Alan, achando que ele poderia saber. Sem ter a mínima idéia de quem era esse senhor, liguei para ele e fui feliz. Alan conhecia Marize Barros e deu-me o seu telefone. Antes de agradecer-lhe, fiquei sabendo que ele estava à frente de um ministério que ajuda a muitas pessoas. Eu não tinha o menor conhecimento dessas coisas e não imaginava que um fato importante estava para acontecer comigo que mudaria o rumo de minha vida.

Tentei falar com Marize, mas o telefone não conferia. Voltei a falar com Alan e ele me deu o número novamente. Acontece que sem querer deixei escapar que precisava falar com ela porque eu estava atravessando uma fase difícil, acometido de grande depressão. Isso foi o suficiente para ele me fazer a seguinte pergunta: "Luiz, você quer aceitar Jesus em sua vida?" Falei que sim mas que eu precisava saber mais sobre essas coisas por estar alheio a tudo isso. Ele novamente me falou: "Luiz, repita comigo tudo o que eu falar, pois isso será o começo de tudo que você precisa." Concordei com ele e fiz tudo conforme o combinado. Depois disso, passei a saber que a partir dali eu tivera um "novo nascimento".

Esse fato ocorreu no dia 5 de junho de 1998. Sem dúvida alguma esse foi o dia mais importante de minha vida. Deus, mais uma vez, agia tremendamente em minha vida, desta vez fazendo-me conhecer o "novo nascimento". Deus quando quer coloca diante de nós várias pessoas, neste caso usou a quatro para transformar o meu destino. Todo meu passado fora esquecido e perdoado, mas eu sentia necessidade de saber mais sobre essa boa nova. O simples "aceitar a Jesus" pode-nos parecer algo simplório, tolo para muitos, coisa que eu precisava entender mais profundamente. O professor Alan me falou que Marize iria em minha casa na segunda-feira seguinte e mais adiante ele próprio iria me visitar. Era tudo que eu queria.

Dia seguinte Marize me telefona e vai logo me parabenizando pela decisão acertada que eu fizera. Ela não estava ligando o meu nome à minha pessoa, mas quando eu me apresentei então foi que ela ficou feliz! Coversamos um bom tempo e acertamos que ela almoçaria comigo na segunda-feira. As coisas aconteciam comigo de maneira muito rápida e confesso que passei a sentir uma paz nunca antes provada. Eu estava ansioso para recebê-la e poder absorver um pouco de sua sabedoria. Na hora marcada ela chegou e tratamos logo de conversar sobre tudo aquilo que eu desconhecia.

Claro que tudo teria de obedecer a um critério e a cada dia eu sentia que estava me enriquecendo, de maneira simples e bem natural. Foi então que eu segui a sua orientação na leitura da Bíblia, por onde e como eu deveria começar. Ensinou-me a ouvir algumas rádios evangélicas, a exemplo da Evangélica e a Maranata FMs. Deu-me várias fitas-cassetes com músicas cristãs, sendo que em uma delas ela mesmo cantava. Marize tem uma voz muito bonita, nem se discute. Dessa forma ela foi me abastecendo de informações, além de me emprestar livros interessantes, todos contendo inúmeros testemunhos edificantes.

Eu estava diante de uma pessoa incrível, que tem uma história de vida fantástica! Essa minha amiga missionária é uma serva de Deus muito especial e a sua paraplegia jamais foi um empecilho para que ela deixasse de levar a Palavra às pessoas, mesmo nos mais distantes recantos do País. Tê-la como amiga muito me honra, pois dela só escuto palavras de conforto, de ânimo e de carinho. A partir dessa data sua presença em nossa casa tem sido uma constante, mesmo tendo uma agenda cheia. Depois de uma longa e agradável conversa, Marize segura o violão e começa a nos brindar com músicas de toda ordem. Para cada dúvida minha, tinha sempre uma canção como resposta. Eu passei a perceber a importância que tem em se louvar a cada momento o nosso Senhor, único e suficiente Salvador. Tudo isso eu fui aprender com ela, com muito amor e carinho.

Com o passar do tempo, minha transformação tornara-se evidente. Passei a desprezar alguns valores, reformulei um outro tanto, além de absorver outros que não faziam parte do meu viver. Aquele homem, antes cético e dizendo-se ateu, dera vez a uma pessoa inteiramente voltada para Deus e para o nosso Senhor Jesus Cristo. Foi preciso eu viver cinqüenta anos para que eu pudesse descobrir as maravilhas que são operadas pelo nosso Deus. O Altíssimo, entre outras coisas, é uma fonte inesgotável de misericórdia, bondade, amor, alegria e paz!

Outro passo importante foi a decisão que tomei de passar a freqüentar a Igreja Episcopal. Lá encontrei o pastor Paulo Garcia, que se não bastasse ser um grande líder espiritual, é também um amigo de todos. Aquela Igreja abençoada é a extensão do nosso lar. Aos poucos eu ia fazendo inúmeras amizades. Fica difícil citar nomes para não incorrer no erro da omissão. Os testemunhos que lá tenho ouvido nos servem como exemplos do poder de Deus em nossas vidas. Freqüentemente Ele tem restaurado vidas tidas como perdidas, daqueles que se colocam em suas mãos, entregando-lhes os seus caminhos. Certa manhã Marize foi à Igreja, convidada que fora para prestar o seu testemunho. Num dado momento ela diz: "Deus não costuma aceitar uma pessoa pela metade mas aceita a metade de uma pessoa." E desse modo eu vou vivendo a minha vida e posso afirmar que me sinto uma pessoa feliz, muito mais que antes. Claro que não estou imune a dissabores, também passo por tribulações e aflições na minha caminhada. Mas é inegável que é bem mais fácil de superarmos os obstáculos quando temos um Deus que nos protege e nos dá vitórias. Grandioso És tu, Deus meu Pai!

Nota: O meu desejo de participar cada vez mais das coisas que dizem respeito à Igreja e aos seus ministérios fazia crescer em mim o interesse de freqüentar não só os cultos matinais, como também de interagir com as pessoas de alguma forma. Por isso comecei a escrever textos curtos para entregar ao Pr. Paulo, no sentido de serem aproveitados no boletim dominical. Um desses textos foi a "Oração ao Senhor" que poderá ser lida abaixo.

### *ORAÇÃO AO SENHOR*

Ó Pai amado, por teu intermédio intercedemos pelo lado humano das pessoas, dessas que se preocupam conosco e são capazes de demonstrar amor e misericórdia pelos seus irmãos de caminhada.

Ó Pai amado, Tu fazes substituir a fome pela fartura, embora contida, o choro pelo riso, por mais que pálido, a dor pelo prazer, mesmo que indefinido.

Pai, desarma nossos espíritos e inicia, assim, um processo de descondicionamento de nossos valores meramente humanos. Faz valer o Teu amor, inibindo o desamor que pede morada em nossos corações.

Abençoa as pessoas que vivem felizes e pacificamente ao lado dos seus, dos amigos e que têm em Ti um modelo a ser seguido. Por isso, é muito bom testemunhar a alegria pura e simples de crianças vivendo em harmonia com a natureza.

Pai, é sempre bom lembrar o desprendimento daqueles que levam uma vida inteira a serviço do bem, sendo este seu único alvo. E, enquanto eles viverem, os horizontes permanecerão abertos, as floriculturas jamais murcharão.

Pai bendito, ajuda-nos a seguir o Teu caminho, dando-nos uma visão mais abrangente do verdadeiro valor da vida, mas, de uma vida sem sofismas, onde possa coexistir entremeados o riso e o choro, a alegria e eventuais tristezas. E que possamos Te servir, no presente e no porvir para sempre. Amém!

## TESTEMUNHO

*Caro Pastor Paulo Garcia,*

Preciso falar-lhe da bênção que o senhor foi, é e continuará sendo em minha vida. O senhor com a sua maneira carismática de ser, com seu jeito manso e firme na pregação da Palavra, foi aos poucos me conquistando a ponto de não poder mais prescindir de seus sermões e de sua bendita amizade.

Lembro-me bem, foi pelas mãos de minha irmã Lourdes e do meu cunhado Jorge que tive o imenso prazer de ir à Igreja pela vez primeira. Não me encontrava bem de saúde à época, e fui mais um ou dois domingos à Igreja até deixar de freqüentá-la por um bom tempo. Isso deu-se em 1994, só retornando ao convívio com os irmãos em 1998.

Nesta minha volta duas coisas estavam bem distintas aos meus sentidos. Uma era que a Igreja estava com muito mais pessoas, mais viva e vibrante. A outra que eu havia aceitado a Jesus na minha vida, em 5 de junho de 1998. Até então eu passara cinqüenta anos vivendo na obscura ignorância, sem conhecer nada a respeito da vida de Jesus Cristo. Eu pensava que Ele não passava de um homem inteligente e bondoso, preocupado com as questões sociais de sua época. Enquanto eu um cético, descrente total, chegando a ser um simpatizante do partido comunista. Quanto tempo eu desperdiçara... Eu era infeliz agindo desse modo, um bobo que imaginava saber de tudo, que a nossa felicidade dependia unicamente das ações empregadas pelos políticos. Embora eu estivesse certo em parte, eu ignorava inteiramente a possibilidade de Deus, de Jesus, atuarem em minha vida, conseqüentemente na vida do povo.

Só entendo que o homem cresce muito mais no sofrimento, comigo não foi diferente. Aprendi a valorizar coisas que antes sequer percebia. Passei a me preocupar com as agruras pelas quais passa o nosso povo, aqueles irmãos que não têm outra coisa a fazer senão vagar pelas estradas do mundo, pelas ruas do medo. Eu não considerava a hipótese de haver um Deus. Santa ignorância! Na minha arrogância de quem "sabe tudo" eu abraçava uma tremenda solidão, já que muitas pessoas não conseguiam mais ouvir as minhas "verdades". Sempre fui uma pessoa cheia de bons propósitos, sobretudo gostava de ajudar aos outros, mas me tornei em poucos anos um radical incorrigível, em alguns momentos chegava a ser chato.

Mas já de volta à Igreja, conheci o professor Alan e outras pessoas que gostavam de ajudar ao próximo. Com o senhor, pastor Paulo, conhecemos um modo atuante de solidariedade humana, bem à maneira de Jesus. Também aprendemos a difícil missão de perdoar. E como tem sido maravilhoso acordar e logo agradecer a Deus pela ventura da vida! Acordar sabedores de que temos conosco a esperança cristã cristalizada em nossos corações. E começo a pensar na sua bondade, na sua generosidade e oro agradecendo a Deus por sua vida e de seus familiares, pela Igreja, pela família e pelos homens de boa vontade.

Receba o meu abraço fraterno, com um profundo sentimento de gratidão.

Unidos em Cristo,

Luiz Maia

o0o

Domingo, 15 de agosto de 1999. Eu fora à Igreja. O culto transcorria normalmente até que o pastor Paulo chegou-se mais à frente e olhando para o público chamou uma moça para junto dele e falou: "Ah, essa aqui é Débora! Essa moça tem uma história linda de vida para nos contar". E logo passou o microfone para ela, indo sentar-se para escutar também. Eu sequer ouvira a sua voz e já sentia uma empatia enorme por ela. Ela começou a falar e a sua voz se fazia ouvir por toda Catedral. Seu timbre de voz era firme, mas manso. Dominava bem o seu espaço e demonstrava ter certa intimidade com o microfone. Sua articulação era perfeita e a sua história começa a impactar os irmãos ali presentes.

À medida em que falava ia crescendo aos nossos olhos. Só ela parecia estar ali presente, não fora os anjos de Deus a lhe fazer companhia. As pessoas estavam todas comovidas e aos poucos lágrimas brotavam dos olhos de muita gente. Lembro-me que chorava sem cessar e dentro de mim o meu amor por ela tomava dimensões outras. Eu, que vivo em meio às minhas inúmeras limitações, só pensava em ampará-la e ajudá-la de alguma forma a esquecer os possíveis dissabores de outrora. Por instantes eu esquecera ou ignorava os braços de Jesus a segurá-la e a presença restauradora de Deus em sua vida. Não me lembro de ter ouvido um testemunho tão forte, tão bonito quanto aquele. Deus, que nos sonda e nos conhece a todos, passara a saber do meu amor que nascia por ela. Mas não se trata de um amor inseqüente, muito menos compromissado com algo em troca. É um amor maduro, cúmplice, sereno.

Ah, minha querida Débora, agradeço a Deus por tê-la colocado em minha vida. Aquele que poderia ser apenas um dia de domingo, passou a ter uma conotação especial para mim. Ao final do culto, uma fila se formou para que todos pudessem abraçá-la e parabenizá-la pela pessoa que é. Eu gostaria muito muito de poder fazer o mesmo, mas as barreiras arquitetônicas e o grande número de pessoas à sua volta sinalizavam que eu teria de sufocar essa minha vontade. Saí meio frustrado, calado e pensando nela. Mas não me rendi... À tarde telefonei para dona Márcia pedindo para ela entregar o meu telefone para Débora para um posterior contato. Na terça-feira ela me telefonou quando sacramentamos essa amizade que perdura até hoje.

Chamo-me Luiz Aurélio Peregrino Maia. Mas me chamam de Luizinho, Lula, Aurélio, Luiz Maia. Sou paraplégico mas recuso-me a aceitar que essa paraplegia comande os meus passos. O meu caminhar é sobre rodas, mas entrego todas as minhas dificuldades nos braços de Jesus. Faz tempo que entreguei o meu caminho para o Senhor, pois creio n'Ele e sei que Ele muito tem feito por mim, e muito mais fará. Sei que sou fraquinho, pequeno e cheio de falhas, mas me alegro ao saber que "Tudo posso n'Aquele que me fortalece". [Fl. 4:13] É fácil para um paraplégico como eu sustentar o seu corpo com a mãe, esposa, irmãos e amigos que tenho. Mas nada seria possível para mim não fossem as bênçãos que me são derramadas, diariamente, pelo nosso bondoso Deus. Deixo registrado o meu imenso amor por Deus, pela humanidade, pela natureza e toda forma de vida. E, quando chegar o momento de minha morte, terei um corpo imperecível e incorruptível para desfrutar das delícias que nos aguardam no céu.

o0o